

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

PEDRO HENRIQUE RODRIGUES DE BARROS

História, literatura e revolução: em O Último Homem de Mary Wollstonecraft Shelley

Uberlândia

2019

PEDRO HENRIQUE RODRIGUES DE BARROS

História, literatura e revolução: em O Último Homem de Mary Wollstonecraft Shelley

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência obrigatória para a obtenção do título de bacharel e licenciatura em História.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Ana Flávia Cernic Ramos.

Uberlândia

2019

BARROS, Pedro Henrique Rodrigues de. História, literatura e revolução: em O Último Homem de Mary Wollstonecraft Shelley. – Uberlândia, 2019.

Orientação: Prof^a Dr^a Ana Flávia Cernic Ramos.

Monografia (Licenciatura e Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia.

Palavras-chave: O Último Homem, Revolução, Romantismo, Inglaterra, Século XIX, Mary Shelley.

PEDRO HENRIQUE RODRIGUES DE BARROS

História, literatura e revolução: em O Último Homem de Mary Wollstonecraft Shelley

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência obrigatória para a obtenção do título de bacharel e licenciatura em História.

Uberlândia, 04 de dezembro de 2019

Banca Examinadora:

Prof^ª Dr^ª Ana Flávia Cernic Ramos (UFU)

Prof. Dr. Lainister de Oliveira Esteves (UFU)

Prof^ª. Dr^ª. Daniela Magalhães da Silveira (UFU)

Dedico este trabalho aos meus pais e irmão, que me apoiaram, vibraram e acreditaram, em cada pequena conquista da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos é um dos momentos mais difícil desse trabalho, é quando olho em retrospectiva para esses cinco anos de graduação, reconhecendo todos os momentos e relações que construí. São cinco anos de muito trabalho, aprendizado e construção de amizades, muitas pessoas compartilharam comigo esse momento, sendo parte de quem eu sou hoje.

Agradeço a toda a minha família, que sempre me deu apoio e carinho necessário para meu crescimento e amadurecimento. Compartilho com meus pais minhas conquistas, Nancy e Pedro, ambos sempre se dedicaram ao máximo na minha criação, sempre estendo a mão em todos os momentos difíceis e compartilhando inúmeras alegrias. Com meu irmão João compartilhei momentos divertidos e também brigas, desde a infância mantendo uma relação de parceria e amizade. Minha tia Kety não poderia ficar de fora desses agradecimentos, com todos os momentos incríveis que compartilhamos, sua casa sempre foi minha segunda morada.

A minha orientadora Ana Flávia a qual compartilhei a construção desse trabalho, ela é um exemplo profissional, contribuindo com suas correções dedicadas, com seu anseio de ver seus orientandos se superando e progredindo, além de nossas inúmeras reuniões motivadoras essenciais para esse trabalho. Agradeço também a todos os professores que cruzaram o meu caminho, carrego um pouquinho de todos no profissional que aos poucos me torno. Agradeço a Daniela e Lainester por comporem a banca examinadora.

Compartilhei meu cotidiano nesses cinco anos com a turma 42. Sou grato a todos vocês por serem parte de minha história, por compartilharem comigo momentos de trabalho, de risadas, de festas e viagens incríveis: Fernando, Daniel, Marisia, João Pedro, Victor, Rafael, Luís, Mariana, Geovan, Mateus, Ana Carolina, Márcio, Gabriel, Henrique, Magnun, Andreia e Bruna. Obrigado pelas lembranças incríveis.

Em especial agradeço ao Márcio, literalmente um irmão, um parceiro que sempre esteve ao meu lado durante esses cinco anos, companheiro de estudos e incontáveis alegrias, um amigo que me aconselhou nos momentos mais difíceis. O Luís é um grande amigo, parceiro em momentos de diversão, amadurecimento e dificuldades, uma mão amiga que sempre me acolheu. A Mariana que sempre compartilhou seu jeito carinhoso, me recendo de braços abertos quando retornei a Uberlândia. O Gabriel parceiro de discussões calorosas, trocas de conhecimento e conselhos importantes. O João Pedro companheiro de momentos divertidos, de muitas conversas sentado no chão e corredores da UFU. O Geovan um amigo que muito admiro, com seu jeito alegre e divertido sempre acolheu a turma. E por fim, o Mateus com seu jeito mais sério, é um amigo de boas conversas e momentos divertidos.

Agradeço a todos os amigos que o curso de história me deu: a Debora, a Luísa, Pedro Marques, Kath e a Maria Fernanda, entre muitos outros, que compartilharam comigo o dia a dia, inúmeros momentos divertidos e de estudos. Também sou grato aos amigos que construí na Residência Pedagógica, uma parceria que deu certo de inúmeras maneiras, em especial a Maria Gabriela, a Bia e a Júlia, além da professora Jacqueline, que compartilhou durante um ano e meio sua experiência em sala de aula.

Esses agradecimentos não estariam completos sem meus amigos de fora do curso de história, parceiros nesse longo percurso. A Julia Rizza uma amizade completamente inesperada, uma parceira incrível que nesses dois últimos anos compartilhei muitos divertimentos e desabafos, amadurecemos muito nesse percurso. A Prisciele uma amizade incrível, nossos momentos são certamente inesquecíveis, apreendi muito com nossa sintonia nesses últimos anos. Agradeço a todos os amigos de Florianópolis, em especial ao Wesley e o Rodolfo a qual compartilhei apartamento e momentos importantes.

Agradeço aos profissionais da UFU, das mais diversas áreas, que me auxiliaram na produção desse trabalho. Também aos profissionais Evaldo e Rodrigo que muito me ajudaram. Em geral, gostaria de agradecer a todos que marcaram minha vida e que me acompanharam na produção desse trabalho, esse é um trabalho coletivo.

“Foi de baixo das árvores do terreno pertencentes
à nossa casa, ou nas encostas nuas e desertas das
montanhas próximas, que nasceram e se
desenvolveram minhas verdadeiras composições,
os voos fantásticos de minha imaginação”

(Mary Shelley)

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade analisar o livro *O Último Homem* escrito por Mary Wollstonecraft Godwin Shelley, mais conhecida como Mary Shelley, publicada pela Henry Colburn Publ. Company em 1826. A obra compõe a segunda fase do romantismo inglês compondo temas como república, revolução política, cidadania e igualdade entre homens e mulheres. O enredo da obra relaciona com o contexto histórico de produção, um mundo convulsionado por revoluções políticas, de conflitos entre forças conservadores de restauração do Antigo Regime e suas instituições, contra forças moderadas ou radicais revolucionárias de libertação e transformação nacionais. Esse trabalho busca compreender como Mary Shelley participou do debate revolucionário de seu tempo, assim como, a literata dialogou com outros intelectuais românticos ingleses que refletiam sobre problemáticas semelhantes. Diante da de muitos estudiosos e linhas de pesquisa que analisaram o livro *O Último Homem*, concluo com a apresentação de diferentes trabalhos que pensaram as revoluções na obra, para por fim, definir um posicionamento e apresentar problemáticas ainda existentes sobre o tema no livro *O Último Homem*.

Palavras-chave: O Último Homem, Revolução, Romantismo, Inglaterra, Século XIX, Mary Shelley.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze the book *The Last Man* by Mary Wollstonecraft Godwin Shelley, better known as Mary Shelley, published by Henry Colburn Publ. Company in 1826. The work composes the second phase of English romanticism composing themes such as republic, political revolution, citizenship and equality between men and women. The plot of the work relates to the historical context of production, a world convulsed by political revolutions, of conflicts between conservative forces of restoration of the Old Regime and its institutions, against moderate or radical revolutionary forces of national liberation and transformation. This work seeks to understand how Mary Shelley participated in the revolutionary debate of her time, as well as the literate dialogue with other English romantic intellectuals who reflected on similar issues. Given that of many scholars and lines of research who have analyzed the book *The Last Man*, I conclude with the presentation of different works that thought the revolutions in the work, to finally define a position and present problems still existing on the subject in the book *The Last Men*.

Keywords: *The Last Man*, Revolution, Romanticism, England, 19th Century, Mary Shelley.

Sumário

Introdução.....	11
Capítulo 1: "Mary Shelley, escritora em formação"	19
1.1 Mary Shelley: Vida e Obra	19
Capítulo 2: "Mary Shelley: uma escritora da Era das revoluções"	27
2.1 Mary Shelley: Uma escritora da Era Revolucionária	27
2.2 A Geração de Românticos Ingleses: Perseguições e Desapontamentos	28
2.3 2º Geração de Românticos Ingleses: Restauração e Novas Lutas Liberais ...	34
3.1 <i>O Último Homem</i>, de Mary Shelley	41
Capítulo IV: "O último homem": três olhares.....	53
4.1 <i>O Último Homem</i>, em divergência	53
4.2 <i>O Último Homem</i>, uma crítica à violência revolucionária e imperialista	54
4.3 <i>O Último Homem</i>, uma crítica ao imperialismo e à civilização ocidental	61
4.4 <i>O Último Homem</i>, revolucionarismo e radicalidade romântica.....	67
Considerações Finais.....	75
Referências.....	78

Introdução

Segundo o historiador Eric Hobsbawm, em *A Era das Revoluções*, “nunca houve um período para jovens artistas, vivos ou mortos, como o período romântico”¹. Para o historiador, o final do século XVIII e início do século XIX representaram a efervescência dessa juventude intelectual. O autor aponta ainda que esse momento do romantismo foi “o período em que as mulheres do continente europeu apareceram como artistas em posse de seus plenos direitos e em considerável número”². A literata Mary Wollstonecraft Shelley Godwin³, por exemplo, nascida em Londres no ano de 1797, rapidamente se destacou com o lançamento de sua primeira obra literária: *Frankenstein: ou o Moderno Prometeu*, escrita quando ela tinha apenas 19 anos de idade. A ideia para essa monografia começou a surgir no final de 2017, após a leitura de *Frankenstein*. Tal obra serviu como inspiração para a escolha do tema deste estudo, já que podia ser lida, entre outras coisas, como uma ficção que demonstrava uma apuradíssima sensibilidade histórica e filosófica da escritora. Deleitado com uma leitura descompromissada de *Frankenstein*, percebi um grande potencial de estudo derivado das obras de Mary Shelley. Com isso, realizei a leitura de outras obras da escritora, entre elas *Mathilda*, *Valperga*, *O Mortal Imortal*, *Mauricio ou A Cabana Do Pescador*, e, por fim, o livro *O Último Homem*, fonte escolhida para desenvolvimento deste trabalho. Desde o início, reconhecendo a importância do contexto histórico nas obras de Mary Shelley, o objetivo desta monografia foi ler o romance *O último homem* articulando-o às discussões políticas, econômicas e sociais candentes ao momento de sua escrita. A ideia era relacioná-lo ao contexto histórico que dialogou com sua produção, buscando compreendê-lo a partir da experiência do clima revolucionário que marcou o final do século XVIII e início do XIX.

Como comumente ocorre com escritores que adquirem sucesso e notoriedade, as obras da literata chamaram atenção de diferentes áreas do conhecimento, tais como a psicologia, a história, a filosofia e a literatura. Tais estudos resultaram nas mais diversas análises e recortes diferenciados, que constantemente criaram conclusões e resultados opostos e, por vezes, contraditórios entre si sobre a autora e suas obras. Nas análises sobre a obra *O Último Homem*

¹ HOBBSAWN, Eric J. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*; tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. p. 360.

² *Ibidem* p. 363.

³ O sobrenome Shelley foi adquirido após o casamento com o poeta inglês Percy Bysshe Shelley.

as contradições aparecem principalmente no que se refere ao posicionamento político da literata, com perspectivas que pensam a escritora tanto ancorada em uma radicalidade revolucionária quanto em um ceticismo antirrevolucionário. O livro *O Último Homem* é uma narrativa sobre o fim da humanidade, que mescla discussões políticas e culturais sobre revoluções, liberalismo, imperialismo, democracia e república. Uma pluralidade de temas que ajudou na consolidação de diferentes concepções (no meio acadêmico) sobre o posicionamento político da literata. Diante disso, o objetivo dessa monografia foi compreender esses debates ao mesmo tempo em que se realizou uma leitura da fonte inserindo-a nas suas interlocuções artísticas, intelectuais e sociais.

Entendendo a literatura como uma rica fonte para o historiador, analiso a obra *O Último Homem* como uma produção artística historicamente datada e me concentro, entre outras coisas, na compreensão do contexto histórico de produção da obra e o lugar social e artístico ocupado pela escritora. Além disso, proponho-me a estudar a obra a partir dos dilemas e questões políticas com os quais a literata dialogou em seu próprio tempo. Edward Palmer Thompson, em sua obra *Os Românticos: A Inglaterra na Era Revolucionária*, é um dos referenciais teóricos desta monografia. Neste trabalho, Thompson demonstra seu método no uso da literatura como fonte histórica, valorizando a importância do contexto histórico no estudo de obras literárias. Thompson aponta para a importância de olhar para o âmbito social da produção artística, como afirma sua esposa Dorothy Thompson: “as ideias que ele discute não são apenas as apresentadas no papel pelos filósofos e teóricos, mas também as inseridas no tecido social”⁴. Além do contexto histórico, Thompson busca compreender o ofício literário a partir do conceito de experiência, constatando que o historiador ao analisar a trajetória e as tensões vividas pelo literato no momento de escrita e concepção de suas obras. Thompson, ao comentar equívocos de análise sobre o escritor William Godwin, revela a importância da noção de “experiência”: “Minha opinião (em resumo) é que uma causa do mal-entendido tem sido a pouca atenção dada à verdadeira experiência histórica vivida”⁵. Segundo o historiador Leonardo Afonso Miranda Pereira, Thompson ao relacionar literatura e experiência histórica vivida aponta: “a necessidade de que a análise literária parta da compreensão das redes e tensões sociais mais amplas a partir

⁴ THOMPSON, Dorothy. Prefácio. In: THOMPSON, E. P. *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

⁵ THOMPSON, E. P. *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 136.

das quais são forjados os poemas e romances”⁶, porém, como evidencia Leonardo Pereira, Thompson não exclui a “dimensão intelectual e artística do processo de compreensão do texto literário”⁷. O método de Thompson pauta na relação entre experiência vivida e dimensão intelectual e artística, acompanhando as mudanças do literato ao longo de sua vida e obra, ele nega análises totalizantes e universais sobre um intelectual e sua obra, dando importância “ao movimento da produção de cada autor”⁸. Nesse sentido, a leitura e análise da obra *O Último Homem* se pauta, em parte, nos métodos que Thompson usou para analisar a literatura romântica inglesa. Ou seja, em como Thompson analisa uma obra literária investigando as experiências vividas pelo literato, considerando como o indivíduo se relaciona com diferentes grupos sociais e com a literatura de seu tempo, e com isso, definindo seu próprio sentido de exercício literário.

Sobre o uso da literatura como fonte, outra referência importante para este trabalho é o estudo desenvolvido pelo historiador Peter Gay. Segundo ele,

qualquer um que avalie a evidência que um romance pode fornecer deve procurar conhecer não apenas as ficções em questão, mas seu criador e a sociedade desse escritor. Tomando emprestado de Kipling: o que sabem dos romances aqueles que conhecem apenas os romances? [...] ele deve aprender o que a fez acontecer⁹.

De acordo com as perspectivas de Peter Gay e Edward Thompson, essa monografia analisa a obra *O Último Homem* olhando para o contexto histórico de produção e buscando compreender os embates, as interlocuções sociais e as tensões que Mary Shelley se envolveu. Assim sendo, esse trabalho analisa Mary Shelley e sua obra dentro de seu tempo histórico, pensando sua escrita atenta a um tempo de mudanças políticas e revolucionárias. A arte do início do século XIX era em grande parte ligada à política, ou seja, vários escritores entendiam o ato de produzir literatura como um modo de pensar e transformar o mundo em que viviam. Alguns desses escritores até mesmo viveram a política ativamente, como Thompson relata sobre o inglês John Thelwall: “Foi Thelwall [...] o herói do dia dos reformistas. Foi Thelwall que desafiou os Two Acts e que continuou com suas palestras públicas disfarçadas em história clássica”¹⁰.

⁶ Pereira, L. A. de M. (2010). Resenha de Edward Palmer Thompson. Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária. Cadernos AEL, 11(20/21). Recuperado de <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2546>. p. 306.

⁷ *Ibidem* p. 307.

⁸ *Ibidem* p. 308.

⁹ GAY, Peter. Prólogo Além do princípio da realidade. In: *Represálias selvagens: Realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 24.

¹⁰ John Thelwall foi o maior escritor palestrante inglês dos democratas na década de 1790, atuando ativamente na política até o começo do século XIX. Suas reuniões públicas contavam com aproximadamente quatrocentas a quinhentas pessoas, ele desafiou os decretos Two Acts que proibiam palestras públicas na década de 1790. Ver: THOMPSON, *op cit*, p. 136.

De acordo com Thompson, os poetas ingleses William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge, assim como John Thelwall, também participaram desse grupo de escritores românticos ativos politicamente durante a década de 1790. Segundo Thompson, esses “intelectuais da década de 1790 eram reformistas em tudo – modos de se cumprimentar, relações entre sexos e relações sexuais, alimentação infantil, brinquedos e educação, estilos e vestidos”¹¹. Escritores que se extasiaram com as ideias do início da Revolução Francesa. Thompson ao acompanhar esses literatos em suas experiências vividas e obras, constata uma característica desses românticos ingleses, como aponta Leonardo Pereira: “todos adeptos, em meados da década de 1790, dos ideais advindos da Revolução Francesa, que acabaram por abandonar em maior ou menor grau nos anos seguintes”¹². Ao investigar a literatura, as cartas e os acontecimentos da vida desses escritores, Thompson consegue apontar um desencanto dos poetas com o que se tornava a Revolução Francesa: a violência do processo revolucionário e a ascensão de Napoleão Bonaparte foram fatores essenciais para o desencanto.

A literatura, assim como qualquer outro produto da ação humana, é fonte para o historiador. Sidney Chalhou e Leonardo Pereira, apontam que a literatura é, entre outras coisas, “testemunho histórico”, e, por isso, ao analisá-la, não devemos centralmente questionar o caráter ficcional ou da fonte, mas aplicar um:

interrogatório sobre as intenções do sujeito, sobre como este representa para si mesmo a relação entre aquilo que diz e o real, cabe desvendar aquilo que o sujeito testemunha sem ter a intenção de fazê-lo, investigar as interpretações ou leituras suscitadas pela intervenção (isto é, a obra) do autor; enfim, é preciso buscar *a lógica social do texto*. O bê-a-bá do ofício do historiador social é o mesmo, na análise da fonte literária, parlamentar, jornalística, jurídica, iconográfica, médica, ou seja lá o que mais¹³.

Portanto, o ofício do historiador é uma investigação, a literatura deve ser analisada assim como outras fontes, realizando questões que possibilitem a compreensão social do texto. Busca-se entender não apenas a forma literária, a construção da narrativa, as referências intelectuais da obra, mas também a lógica social do texto. Segundo Sidney Chalhou e Leonardo Pereira, a análise da literatura se inicia com o questionamento sobre quais são as características e tema da obra estudada, o historiador deve buscar a compreensão de como o artista entende sua própria arte. Para ambos os historiadores, a literatura e literatos devem estar “inseridos na arena das polêmicas e conflitos de sua contemporaneidade, são sujeitos e personagens das histórias que

¹¹ THOMPSON, *op. cit.*, p. 238.

¹² Pereira, L. A. de M., *op. cit.*, p. 304.

¹³ CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso Miranda. Apresentação. In: A História Contada Capítulos de História Social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998. pp. 7-8.

contam”¹⁴. Com isso, a literatura é um produto tanto de seu tempo quanto de um sujeito histórico, sendo um “lugar de embate de ideias e de crítica social” e uma “arena de disputa entre diferentes projetos sociais”¹⁵, literatura e sua sociedade de produção estão extremamente ligados. Nessa perspectiva, a presente monografia investiga com quais grupos e ideias a obra *O Último Homem* dialoga, por fim, compreendendo como essa literatura “se constrói ou representa a relação com a realidade social”¹⁶.

Partindo do pressuposto de que nenhuma literatura transcende seu próprio tempo histórico, a obra *O Último Homem* é uma ficção, é uma produção artística, mas também pode ser considerada testemunha de um determinado tempo histórico. Porém, um cuidado é necessário, como salienta Gay. Apesar de existirem romancistas que buscam escrever a realidade, suas produções continuam sendo ficções, ou seja: “eram criadores de literatura, e não fotógrafos”. Para Gay, a literatura é uma fonte aberta a análises, mas como todo documento “possível (e possivelmente traiçoeiro) de conhecimentos”, traiçoeiro porque a literatura é um espelho deformante sobre o próprio contexto histórico, ela apresenta imperfeições e distorções, sendo necessário que o historiador estabeleça uma crítica a suas fontes¹⁷.

Em *O Fio e os Rastros*, Carlo Ginzburg argumenta que qualquer fonte – assim como a literatura - oferece ao historiador rastros do passado e nunca um real retrato do passado. Ginzburg afirma procurar “contar, servindo-me dos rastros, histórias verdadeiras (que às vezes têm como objeto o falso)”, são os rastros do passado que o historiador deve investigar em suas fontes¹⁸. Considerando que o ofício do historiador necessita do estabelecimento de crítica ao documento estudado, sendo um trabalho essencialmente de investigação, analiso o livro *O Último Homem* trabalhando com o que é além do evidentemente explícito, atento a intersecção entre ficção, realidade e narrativa¹⁹.

A análise que se segue sobre *O Último Homem* estabelece uma intersecção entre ficção, literatura, indivíduo e contexto histórico de produção, trabalhando a fonte para além do explicitado ou “voluntariamente” apontado. Como salientam Chalhoub e Pereira, o historiador desejoso de trabalhar com literatura deve “ter em vista que os sujeitos vivem a história como indeterminação, como incerteza”²⁰. Mary Shelley viveu e escreveu pautando-se em

¹⁴ CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso Miranda, *op cit*, p. 8.

¹⁵ *Ibidem* pp. 10-11.

¹⁶ *Ibidem* p. 7.

¹⁷ GAY, *op cit*, p. 13-15.

¹⁸ GINZBURG, Carlo. Introdução. In: *O Fio e os Rastros: Verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rasa Freire d’Aguilar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 7.

¹⁹ *Ibidem*

²⁰ CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso Miranda, *op cit*, p. 8-9.

experiências históricas que eram incertas, ainda mais em um período histórico de muitas revoluções. A literata estava inserida em meio a conflitos políticos, sociais e culturais que influenciavam sua produção literária. Partindo dessas premissas do ofício do historiador com a literatura, segue-se um resumo do conteúdo de cada capítulo da monografia.

No capítulo I, intitulado "*Mary Shelley, escritora em formação*", foi feita uma breve análise da vida e obra de Mary Shelley. Nesse capítulo, a literata e suas produções são apresentadas em seu contexto histórico revolucionário do início do século XIX. O capítulo I analisa as relações pessoais e intelectuais consideradas essenciais para a construção profissional de Mary Shelley, assim como as concepções dos pais da literata -William Godwin e Mary Wollstonecraft – sobre literatura, política e revolução. Por fim, nele comento a relação de Mary Shelley com seu amigo Lord Byron e seu marido Percy Shelley, um contato que rendeu o compartilhamento de inúmeras discussões e lutas políticas.

No capítulo II, intitulado "*Mary Shelley: uma escritora da Era das revoluções*", buscou-se fazer uma reflexão sobre movimento artístico e político romântico, ao qual essa monografia considera que Mary Shelley pertenceu. Estudiosos pensaram o romantismo como um “movimento” presente desde o século XVIII até o XIX. Essa pesquisa considera o romantismo sempre vinculado a historicidade de cada escritor, ou seja, para além de uma definição do conceito de “romântico”, olho para o tempo e espaço da produção artística, além das experiências e tensões vivenciadas por esses literatos. No capítulo II os românticos ingleses são pensados em duas gerações: a primeira que se consolidou com as experiências e desapontamentos com a Revolução Francesa no século XVIII; e uma segunda, que se constituiu profissionalmente junto a queda de Napoleão Bonaparte, a formação da Santa Aliança, e por fim, o surgimento de revoluções libertárias e nacionais, como Revolução Grega que significou o rompimento da Grécia com o Império Otomano.

O capítulo III, intitulado "*Política, revolução e Literatura nas páginas de O último Homem*", apresenta o romance de Mary Shelley, fonte deste estudo, bem como realiza uma breve análise de seu conteúdo. Neste capítulo apresento a narrativa da obra e faço uma análise sobre o revolucionarismo presente no livro. Considerando que o livro *O Último Homem* dialoga com resquícios da Revolução Francesa e com a então contemporânea Revolução Grega, busco entender como Mary Shelley dialogou com esses temas em seu romance. No capítulo III, apresento como a narrativa de *O Último Homem* estabelece críticas a guerra revolucionária e ao imperialismo, ao mesmo tempo que aponta para a positividade da Revolução Grega na libertação dos gregos contra o Império Otomano.

Por fim, o capítulo IV. Intitulado "*O último homem*": três olhares, é uma análise comparativa entre três estudos já feitos sobre o romance *O Último Homem*. Primeiramente, apresentamos a perspectiva de Lee Sterrenburg em seu artigo *The Last Man Anatomy of Failed Revolutions*²¹. Neste trabalho, Sterrenburg relaciona a obra *O Último Homem* com a Revolução Francesa e os debates políticos de Mary Wollstonecraft e Edmund Burke. Em seguida, fazemos a análise do artigo *The Last Man*, de Kari E. Lokke²². A autora busca compreender o panorama de trabalhos que já estudaram a obra de Shelley no que se refere ao tema das revoluções. Por fim, trazemos para o debate a análise de Betty T. Bennett, em seu artigo intitulado *Radical Imaginings: Mary Shelley's The Last Man*²³, que tem como pretensão central articular: contexto histórico, vida da literata e o conteúdo de suas obras. Ao final, Bennett conclui que Mary Shelley foi sim uma representante revolucionária da segunda geração do romantismo inglês.

²¹ STERRENBURG, Lee. *The Last Man: Anatomy of Failed Revolutions*. In: *Nineteenth-Century Fiction*, Vol. 33, No. 3 (Dec., 1978).

²² LOKKE, Kari E.. *The Last Man*. In: *The Cambridge Companion to Mary Shelley*. Cambridge: Cambridge University Press 2003.

²³ BENNETT, Betty T. *Radical Imaginings: Mary Shelley's "The Last Man"*. *The Wordsworth Circle*, Vol. 26, No. 3 (SUMMER, 1995).

Capítulo 1: "Mary Shelley, escritora em formação"

1.1 Mary Shelley: Vida e Obra

Em 30 de agosto de 1797, na capital inglesa Londres, nasceu Mary Wollstonecraft Godwin Shelley. Enfrentando um mundo extremamente patriarcal, se consolidou como escritora profissional, representante da 2ª geração do movimento romântico inglês, com uma vasta produção artística. Entre suas obras estão seis novelas, dois livros de viagens, cinco volumes biográficos e muitas histórias curtas.¹ Escritora que se tornou célebre por obras como *Frankenstein: O Moderno Prometeu* (1818), *Valperga* (1823) e *O Último Homem* (1826), Mary Shelley produziu muitos de seus escritos em meio a um contexto histórico conturbado, marcado por inúmeras revoluções - sejam as científicas, as políticas ou econômicas. Muitas de suas obras, conseqüentemente, acabaram incorporando, de forma direta ou indireta, análises políticas intrigantes que tentavam, de alguma maneira, interpretar uma Europa convulsionada pelo conflito entre as antigas forças conservadoras, absolutistas e aristocráticas do *Antigo Regime* com novas forças liberais, revolucionárias². Além disso, seus romances dialogavam um novo ideal burguês que, durante a história europeia do século XIX, se mostrou muitas vezes mais aliado das forças aristocráticas e conservadoras do que de outros setores sociais, principalmente quando se viam diante do “perigo” das revoluções democráticas, a partir da década de 1830. Mary Shelley, desde muito nova, foi estudiosa assídua do passado e sua contemporaneidade, lendo sobre história, literatura e filosofia, se tornou uma crítica as transformações sociais, políticas e econômicas da modernidade³.

Nascida em uma família de intelectuais, o pai de Mary Shelley era o filósofo político, novelista e jornalista William Godwin, que em sua juventude (década de 1790) fez parte de um grupo de “[...] jovens escritores progressistas que travaram com os conservadores um acirrado debate em torno de questões então candentes”⁴. De acordo com Edward Palmer Thompson, em sua obra *Os românticos*, Godwin foi um teórico que questionou o “Estado, a Lei, a Punição, o Casamento, a Propriedade, o Destino”⁵ em um âmbito conceitual, pouco aplicável aos

¹ BENNETT, Betty T.. Preface and Acknowledgments. In: Mary Shelley in her times. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000. p. X.

² Sobre esse conflito, ver: HOBSBAWN, Eric J. A Era das Revoluções: Europa 1789-1848; tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. e RÉMOND, René. O século XIX: 1815-1914. São Paulo: Cultrix, s.d.

³ *Ibidem*. p. IX.

⁴ PIOZZI, Patrícia. Entre utopia libertária e realismo político: Godwin e Shelley diante da revolução. Trans/Form/Ação [online]. 1996, vol.19, p.35

⁵ THOMPSON, *op cit.* p.121.

problemas do cotidiano. *Enquiry Concerning Political Justice* (1793) é sua obra de referência, com discussões sobre teorias do direito natural, além de ser uma “elaborada resposta às *Reflections on the Revolution in France* (1790), do conservador Edmund Burke”⁶. Em tal obra, William Godwin desenvolveu uma lógica utópica:

for the improvement of the human race. Godwin still believes in the powers of the human mind [...] that disease and perhaps even death can be conquered and canceled out by the powers of mind [...] When that utopian future arrives, Godwin confidently asserts, "there will be no disease, no anguish, no melancholy and no resentment”⁷.

Em seus escritos, Godwin defendia um mundo utópico, no qual os homens seriam capazes de se libertar das “restrições institucionais” através do desenvolvimento de seu intelecto, imaginava, assim, um futuro de perfeição social⁸. Como aponta a bibliografia⁹, Mary Shelley conhecia as obras de seu pai, debatia suas ideias e, para alguns pesquisadores como Lee Sterrenburg, ela se oporia ao utopismo da juventude de William Godwin em sua obra intitulada *O Último Homem*, publicada no ano 1826, tema de estudo desse trabalho. Em diálogo com essa bibliografia, a presente monografia pretende se atentar a essa relação entre as obras de William Godwin e Mary Shelley.

A mãe de Mary Shelley, por sua vez, foi a escritora profissional e filósofa política inglesa Mary Wollstonecraft¹⁰ que, de acordo com E. P. Thompson, foi uma “mulher extremamente racional, que proclamou a igualdade dos sexos e que tentou viver os princípios do casamento livre”¹¹. Revolucionária de tendências jacobinas, Wollstonecraft publicou a obra *The Vindication Of The Rights Of Women* (1790), escrita em desafio à Constituição Francesa de 1791, à qual acusava de não incluir “as mulheres na categoria de cidadãos”¹². Em seu livro,

⁶ PIOZZI, *op. cit.*, p. 36.

⁷ “para a melhoria da raça humana. Godwin ainda acredita nos poderes da mente humana [...] que a doença e talvez até a morte podem ser conquistadas e canceladas pelos poderes da mente [...] Quando esse futuro utópico chegar, Godwin afirma com confiança: “não haverá doença, angústia, melancolia e ressentimento”, ver: STERRENBURG, *op cit.*, p. 333-334.

⁸ *Ibidem* p. 333-334.

⁹ Sobre a relação entre as obras de Mary Shelley e William Godwin, ver: CLEMIT, Pamela. *Frankenstein, Matilda, and the legacies of Godwin and Wollstonecraft*. In: *The Cambridge Companion to Mary Shelley*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.; STERRENBURG, Lee. *The Last Man: Anatomy of Failed Revolutions*. In: *Nineteenth-Century Fiction*, Vol. 33, No. 3 (Dec., 1978).; e RAJAN, Tilottama. *Between Romance and History: Possibility and Contingency in Godwin, Leibniz, and Mary Shelley’s Valperga* In: *Mary Shelley in her times*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000.

¹⁰ Temos no período romântico uma expansão de artistas e filosofas políticas. Mary Wollstonecraft não foi a única, temos “Fanny Burney, Mrs. Radcliffe, Jane Austen, Mrs Gaskell, e as Irmãs Brontë”, além da própria Mary Shelley, ver: HOBBSAWN, Eric J. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*, tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

¹¹ THOMPSON, *op. cit.*, p. 99.

¹² MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Prefácio*. In: WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*. Motta, Ivania Pocinho. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 8.

Wollstonecraft denunciava os prejuízos trazidos pelo enclausuramento feminino na exclusiva vida doméstica e pela proibição do acesso das mulheres à direitos básicos”¹³. A obra tornou-se referência nos estudos de gênero e dos movimentos feministas dos séculos seguintes. Perseguida pelos conservadores e por grupos anti-jacobinos ingleses, que utilizaram de sua trágica morte em 1797 como elemento de discursos moralizantes, Wollstonecraft foi considerada, na época, uma “mulher, que quebrara todas as barreiras religiosas”, estando “comumente, pronta para qualquer espécie de licenciosidade”¹⁴. Condenada por parte do conservadorismo e puritanismo da Inglaterra de seu tempo, Wollstonecraft, por sua vez, nunca se calou e seguiu elaborando críticas assíduas a seus opositores. Nessa trajetória, destacou-se especialmente por seus estudos sobre a Revolução Francesa, estabelecendo um embate acirrado com o conservador Edmund Burke através de seu livro *A Vindication of the Rights of Men* (1790) e *An Historical and Moral View of the French Revolution* (1794). Para Mary Wollstonecraft, o corpo social francês estava adoecido, a Revolução Francesa agira, então, como uma violenta febre renovadora e libertadora das antigas estruturas, “made necessary because the old regime failed to reform itself voluntarily”¹⁵

Mary Shelley era, então, filha de dois dos maiores intelectuais ingleses de seu tempo, embora apenas a figura paterna tenha participado de forma direta em sua criação. O contato com a mãe durou pouco, pois Mary Wollstonecraft contraiu no parto da filha uma septicemia, morrendo aos 38 anos, dez dias depois do nascimento da criança. Com tal fatalidade, Mary Shelley conheceu as ideias políticas da mãe indiretamente, fosse pelo pai ou através da leitura de toda sua vasta obra, a qual ela sempre admirou: “The memory of my mother has always been the pride and delight of my life”.¹⁶

William Godwin propiciou à filha uma criação de estudos intelectuais. Em sua formação ela apreendeu a ler e escrever ainda muito jovem. Como Mary Shelley nos conta em sua introdução a 3ª edição de *Frankenstein*, romance escrito em 1817:

“Não é de se estranhar que, como filha de duas pessoas de notável celebridade literária, tenha pensado muito cedo na vida em escrever. Quando criança, rabiscava, e meu passatempo favorito durante as horas dadas para o recreio era “escrever histórias.” Tinha, contudo, um prazer mais precioso do que este, que era a construção de castelos no ar – ceder

¹³ *Ibidem* p.8.

¹⁴ THOMPSON, *op. cit.*, p. 99.

¹⁵ STERRENBURG, *op. cit.*, p. 330.

¹⁶ GORDON, Charlotte. “Introduction”; “Chapter 1: A death and a birth (1797-1801). In: *Romantic Outlaws: The Extraordinary Lives of Mary Wollstonecraft e Mary Shelley*. New York: Random House, 2015. p. IX.

a sonhos lúcidos – seguira cadeias de pensamento que tinham por tema a formação de uma sucessão de incidentes imaginários.”¹⁷

Mary Shelley demonstrava habilidades em sua escrita e imaginação que eram reconhecidas por visitantes da família¹⁸, dentre eles o poeta Samuel Taylor Coleridge¹⁹. Frequentavam a casa dos Godwin amigos, escritores e intelectuais radicais, poetas românticos britânicos, como Coleridge, Wordsworth, Hazlit, Southey, além de Hanna, irmã de William Godwin e apreciadora das obras de Mary Wollstonecraft²⁰. Portanto, Mary Shelley passou sua infância em meio a um ambiente intelectual específico, cercada de grandes escritores, políticos e filósofos de seu tempo, com um pai que sempre lhe incentivou no estudo e aprimoramento da escrita. Segundo Eduard P. Thompson, esses intelectuais pensavam a sociedade através de seus escritos literários, poéticos e filosóficos, atentos aos problemas sociais, às revoluções e a política inglesa e europeia, debates que fizeram parte do crescimento e amadurecimento da escritora Mary Shelley²¹.

O poeta Percy Bysshe Shelley, “um jovem talentoso expulso de Oxford pela publicação de *The Necessity of Atheism*”²², declaradamente apreciador e seguidor das obras de William Godwin, era um dos visitantes da família. Jovem, já se destacava por suas assíduas críticas políticas, “centrado na denúncia das novas formas de exploração e domínio geradas na modernidade e seladas pela aliança entre a velha elite e a nova "aristocracia do dinheiro”²³. Suas visitas foram cada vez mais constantes na segunda década do século XIX, quando ele rompeu seu relacionamento com Harriet Westbrook e iniciou um romance proibido por William Godwin com Mary Shelley. Aos 16 anos de idade, a filha do filósofo fugiria com Percy Shelley rumo à Suíça e para viver o seu romance os poetas revolucionaram²⁴. Seis semanas depois eles retornariam para a Inglaterra por falta de dinheiro²⁵.

Episódio que se tornou um clássico na história da literatura ocidental, em 1816 o casal viajaria rumo à Genebra para passar o verão com o poeta Lord George Gordon Byron, uma das

¹⁷ SHELLEY, Mary Wollstonecraft. *Frankenstein, ou o Moderno Prometeu*; [tradução e notas Doris Goettens] São Paulo: Editora Landmark, 2016. p. 14.

¹⁸ William Godwin possuía um diário onde registrava as visitas recebidas pela família.

¹⁹ GORDON, op. cit, p. 8.

²⁰ QUEIROZ, Clara. Uma Mulher Singular. *Mary Shelley (1797-1851)*. Lisboa: Revista ex æquo, nº 30, 2014, p. 57.

²¹ Sobre a relação destes intelectuais com a política e revolução, ver: THOMPSON, *op cit*.

²² *Ibidem* p. 58.

²³ PIOZZI, *op. cit*, p. 42.

²⁴ O Casal se relacionava quando ele era ainda casado, ela foge de casa rompendo com protocolos e expectativas sociais em torno da moral burguesa do casamento e do comportamento feminino, ver: QUEIROZ, Clara. Uma Mulher Singular. *Mary Shelley (1797-1851)*. Lisboa: Revista ex æquo, nº 30, 2014.

²⁵ QUEIROZ, *op. cit*, p. 58.

figuras mais influentes da 2ª geração do romantismo inglês. Poeta que, segundo Eric J. Hobsbawm, influenciou toda uma geração de jovens românticos revolucionários²⁶. E foi nesse verão, repleto de reuniões na mansão de Villa Diodati, que surgiu a primeira e mais famosa obra de Mary Shelley: *Frankenstein: O moderno Prometeu*, que narrava a história de Victor Frankenstein, um estudante de ciências naturais que desafiara a realidade, buscando a essência da vida, fato consumado na construção de uma Criatura feita a partir de retalhos humanos²⁷. Segundo Lucia de La Rocque, Mary Shelley em *Frankenstein* debate a “nova ciência” moderna que transformou a percepção humana do universo, a crítica da obra é direcionada a crença de superioridade e controle humano sobre a natureza, além de uma ciência sem ética²⁸. O livro ficou famosa tanto nos meios literários e editoriais quanto nos palcos teatrais de Londres no século XIX, posteriormente com adaptações para o cinema no século XX e XXI²⁹.

Outra famosa obra de Mary Shelley é *Valperga; Or, the Life and Adventures of Castruccio, Prince of Lucca*, escrita em 1821 por Mary Shelley, acabou sendo publicada em 1823. A narrativa do livro se passa no início do século XV, em um conflito entre o déspota Castruccio Castracani, que dominou Viena, e a Condessa Euthanasia, da ficcional fortaleza de Valperga. Castruccio Castracani ameaça invadir a fortaleza da Condessa, dando apenas duas opções para ela: se casar com ele ou morrer. Euthanasia escolhe sua liberdade. Segundo Stuart Curran, na obra *Valperga*, Euthanasia defende uma alternativa democrática e “feminista” ao escolher morrer livre ao invés de se tornar escrava de um tirano. Mary Shelley dedicou *Valperga* como homenagem a sua mãe³⁰, segundo Stuart Curran, o livro é “an embodiment of a feminist aspiration to equality that boldly reclaims Mary Wollstonecraft’s legacy for a new generation”³¹, a escritora olhou para temas candentes em sua sociedade, entre eles a igualdade entre homens e mulheres, além de requisitar um lugar para as mulheres na educação e na atividade política, lutas que em parte ela trouxe da herança intelectual de sua mãe. Olhar para esse histórico de obras e temas é fundamental para compreensão do percurso feito pela escritora até a produção de *O Último Homem* (1826), que será analisada nessa monografia.

²⁶ HOBSBAWN, *op cit*, p.371.

²⁷ *Frankenstein: O Moderno Prometeu* é amplamente conhecido nos dias atuais, principalmente por suas aparições no cinema, Mary Shelley recebeu crédito em 44 filmes, ver: SCHOR, Esther. Introduction. In: *The Cambridge Companion to Mary Shelley*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

²⁸ DE LA ROCQUE, L.R e TEIXEIRA, Luiz Antonio. Frankenstein, de Mary Shelley, e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 2001, vol.8, n.1, pp.11-34

²⁹ QUEIROZ, *op. cit*, p. 56.

³⁰ CURRAN, Stuart. *Valperga*. In: *The Cambridge Companion to Mary Shelley*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

³¹ “uma personificação de uma aspiração feminista à igualdade que audaciosamente recupera o legado de Mary Wollstonecraft para uma nova geração.”, ver: CURRAN, *op cit*.

Mary Shelley, aos 21 anos, já havia então morado na Escócia, Suíça e Itália (1818-1823), rompendo um pouco com as expectativas comuns das mulheres do período de uma vida um pouco mais restrita aos ambientes domésticos e familiares. Em sua estadia em Pisa, teve contato com “italianos, com alguns britânicos, com revolucionários gregos que preparam a libertação da Grécia do Império Turco”³², conhecendo pela primeira vez a causa de libertação grega. A escritora se construiu e amadureceu profissionalmente nesse cenário revolucionário, marcado por resquícios da Revolução Francesa com suas novas lutas libertárias e o aflorar de movimentos nacionais e nacionalistas, o que não era exclusivo do caso grego. Na Europa Mediterrânea tinha-se ainda a Espanha (1820) e Nápoles (1820) em frentes de lutas que em alguma medida dialogavam com pautas em comum. Na América Espanhola movimentos de independência reforçavam pautas liberais que caracterizavam muitas das lutas políticas do início do século XIX. A aspiração pela “Grande Colômbia” com Simon Bolívar, o sonho da Argentina, com San Martín e, finalmente, do Chile com Bernardo O’Higgins³³. Segundo René Rémond, desde 1815 a questão nacional se afirmou com intensidade, o “movimento das nacionalidades no século XIX foi em parte obra de intelectuais, graças aos escritores que contribuem para o renascer do sentimento nacional”³⁴. Mary Shelley, juntamente com seus companheiros e familiares, a qual ela leu as obras e dividiu momentos de debate, estava inserida em novas contradições da consolidação de uma sociedade burguesa, ela usou sua literatura para pensar política, mudanças sociais e revolução, em especial a obra analisada nesta monografia *O Último Homem* (1826). No ano de 1822, Mary Shelley participou juntamente com:

Percy Shelley, Byron e Leigh Hunt [de] um periódico literário, irreverente, *The Liberal*. O fulgurante e talentoso círculo de Pisa em que se move vai ser apelidado por Southey ‘a escola satânica’. Os jornais conservadores britânicos ocupam-se a denegrir as suas imagens³⁵.

A participação de Mary Shelley em um jornal literário que incomodou intelectuais conservadores pode demonstrar seu desejo de debater política. Fato é que durante toda a produção de sua vasta obra, a escritora nunca fez uma separação contundente entre literatura e política. O *The Liberal* teve vida curta, já que no dia 22 de julho de 1822, Percy Shelley morreu

³² QUEIROZ, *op. cit.*, p. 60.

³³ HOBSBAWN, *op. cit.*, p.160.

³⁴ RÉMOND, René. O século XIX: 1815-1914. São Paulo: Cultrix, s.d. p. 150. Sobre o tema, ver também: ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

³⁵ QUEIROZ, *op. cit.*, p. 60.

afogado após um naufrágio no golfo de La Spezia, próximo a Livorno³⁶. A partir disso, a vida de Mary Shelley mudou drasticamente. Naquele momento ela se encontrava sozinha para criar seu filho Percy Florence Shelley³⁷. Embora inicialmente ela recebesse ajuda financeira de Lord Byron, o poeta em pouco tempo partiu – em uma onda de apoio da esquerda europeia - para os Balcãs para lutar pela causa grega, embate que “se tornou o mito inspirador dos nacionalistas liberais de todo o mundo”³⁸. Em meio a essa luta, Byron acabou morrendo devido a uma infecção, no dia 19 de abril de 1824³⁹.

Com dificuldades de se sustentar e de, assim, cuidar de seu filho Percy Florence na Itália, Mary Shelley retornaria para Londres, cidade onde era famosa, principalmente por *Frankenstein* (1818)⁴⁰. Para sobreviver, Mary Shelley se firmaria como escritora profissional, fazendo da escrita – para além dos seus propósitos artísticos - também uma atividade que garantiria sua subsistência⁴¹. Assim, muitas das produções literárias da autora foram encomendadas – o que era comum para escritores do século XIX, que conviviam com uma dupla relação com a literatura. A busca pela autenticidade e as exigências do mercado literário marcariam sua produção. Mary Shelley, ao longo de sua carreira também seria contratada para produzir legendas de imagens, estudos literários e biografias⁴². Todo esse percurso de experiências políticas foi fundamental na formação profissional da literata. Processo essencial para a compreensão e análise da obra *O Último Homem* (1826). Nesta obra, a escritora demonstra maturidade intelectual, mesclando seus estudos dedicados à política e à revolução com experiências vividas em seu círculo social, combinando dessa forma a herança intelectual da geração de seus pais com novas questões de seu próprio tempo. Suas obras são dotadas de concretude e lucidez. Assim como seus companheiros aqui anunciados, ela possuía uma vida ativa politicamente e mesclou em suas ficções aspirações estéticas e artísticas com reflexões acerca da filosofia política de seu tempo, análises de seu contexto histórico, interpretando, em seus escritos, um mundo que parecia inverter todas as suas bases tradicionais. Um mundo que se aburguesa e que, com suas rápidas transformações, desafiava o passado com novas relações

³⁶ SHELLEY, Mary Wollstonecraft. *Frankenstein, ou o Moderno Prometeu*; [tradução e notas Doris Goettens] São Paulo: Editora Landmark, 2016. p. 5

³⁷ Mary Shelley e Percy Shelley tiveram três filhos anteriormente, mas todos eles faleceram. Clara Everina Shelley e William Shelley morreram nos anos de estadia na Itália, ver: QUEIROZ, *op cit*.

³⁸ HOBBSAWN, *op. cit*, p. 200

³⁹ QUEIROZ, *op. cit*, p. 61.

⁴⁰ *Ibidem* p. 61.

⁴¹ *Ibidem* p. 63-64.

⁴² *Ibidem* 63-64.

e estruturas de trabalho, de formação nacional e de guerras em nome de identidades nacionais que reformulariam o próprio mapa político europeu⁴³.

Em um mundo de conflito entre forças conservadores de restauração do Antigo Regime e suas instituições, contra forças moderadas ou radicais revolucionárias de libertação e transformação, temos Mary Shelley como uma escritora extremamente atenta às mudanças de seu tempo. O livro *The Last Man* (1826) surgiu no andamento desses embates, “and the nineteenth-century struggle between national movements and imperial powers”⁴⁴, colocando em diálogo o duplo movimento transformador da Revolução Francesa e Industrial. Mary Shelley decididamente foi uma escritora da era revolucionária, e precisamos ler sua obra como tal, fruto de um mundo convulsionado em todas as suas estruturas.

⁴³ Sobre a relação desse contexto histórico e as obras de Mary Shelley, ver: BENNETT, Betty T. e CURRAN, Stuart. *Mary Shelley in her times*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000.; e SCHOR, Esther. *The Cambridge Companion to Mary Shelley*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

⁴⁴ “[...] e a luta do século XIX entre movimentos nacionais e poderes imperiais”, ver: SCHOR, *op. cit.*, p. 3.

Capítulo 2: "Mary Shelley: uma escritora da Era das revoluções"

2.1 Mary Shelley: Uma escritora da Era Revolucionária

Não é um consenso entre os historiadores a formação da lógica moderna que desencadeou na Revolução Industrial e Revolução Francesa. Existem pesquisadores que retornam até o século XIII para explicá-la¹. O historiador das ideias Paolo Rossi, em suas obras *Francis Bacon: da magia à ciência*² e *Naufrágios sem espectador: A ideia de progresso*³, nos mostra um processo histórico a longo prazo que culmina na moderna sociedade do século XIX. Tais estudos apontam para uma sociedade baseada na transformação da compreensão humana do universo natural e social – desde a sociedade medieval -, ou seja, de homens que cada vez mais acreditavam que poderiam agir e transformar ilimitadamente a natureza e a humanidade, o que gerou a ideia moderna de “progresso”.⁴ Eric Hobsbawm, por sua vez, em *Era das Revoluções*, também defende que tanto a Revolução Industrial quanto a Revolução Francesa não são o início das mudanças que construíram a sociedade moderna, mas se configuraram como a aceleração e a explosão de mudanças políticas, econômicas e sociais que estavam em andamento na história da humanidade a muitos séculos⁵.

O fato é que Mary Shelley cresceu em início do século XIX, momento de grandes transformações, onde novas forças políticas burguesas e nacionais se estruturavam e se chocavam a todo momento, criando um ambiente de tensão e imprevisibilidade, profundamente sentido por seus contemporâneos. René Rémond, em seu livro *O Século XIX (1815-1914)*, comenta que nenhum outro século:

até agora — foi tão fértil em levantes, insurreições, guerras civis, ora vitoriosas, ora esmagadas. Essas revoluções têm como pontos comuns o fato de quase serem dirigidas contra a ordem estabelecida (regime político, ordem social, às vezes, domínio estrangeiro), quase

¹ Segundo Hobsbawm existem pesquisadores que retornam até o século XIII para explicar a lógica que desencadeia a sociedade moderna, o próprio autor não nega esse processo a longo prazo, mas compreende na Revolução Francesa e Industrial como um momento aceleração e consolidação desse processo, ver: HOBSBAWN, *op. cit.*, p.51.

² ROSSI, Paolo. *Francis Bacon: da magia à ciência*. Tradução Aurora Forfoni Bernardini. Londrina: Edeal, Curitiba: Editora da UFPR, 2006.

³ ROSSI, Paolo. *Naufrágios sem espectador: A ideia de progresso*. Tradução: Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

⁴ *Idem* p. 15-16.

⁵ HOBSBAWN, *op. cit.*, p.51

todas feitas em favor da liberdade, da democracia política ou social, da independência ou unidade nacionais.⁶

Os livros de Mary Shelley são frutos desse tempo, demonstram como o fazer artístico se misturava com o político, em uma época onde até mesmo óperas funcionavam “como manifestos políticos e armas revolucionárias”⁷. Para a compreensão do significado das críticas e debates desenvolvidos pela autora em sua obra *O Último Homem* (1826), se torna necessário o olhar para os efeitos da Dupla Revolução na literatura romântica de fins do século XVIII e primeiras décadas do século XIX na Europa Ocidental, em especial na Inglaterra, país de origem da escritora.

2.2 A Geração de Românticos Ingleses: Perseguições e Desapontamentos

Os pesquisadores Michael Lowy e Robert Sayre em sua obra *Romantismo e Política*, publicada originalmente em 1983, demonstram a complexidade de definição do que foi o movimento romântico, que se proliferou em diversas áreas do conhecimento como a literatura e outras artes, filosofia, teologia, pensamento político, econômico, jurídico, na sociologia e história⁸. Para estes escritores, o movimento romântico renega qualquer redução a uma definição una, com seu perfil extremamente contraditório:

a um só tempo (ou ora) revolucionário e contrarrevolucionário, cosmopolita e nacionalista, realista e fantástico, restitutionista e utopista, democrático e aristocrático, republicano e monarquista, vermelho e branco, místico e sensual... Contradições que atravessam não apenas o “movimento romântico”, mas a vida e obra de um único e mesmo autor e, às vezes, de um único e mesmo texto.⁹

Para M. Lowy e R. Sayre, é um grande erro definir o romantismo em análises puramente abstratas e atemporais. Segundo eles, contudo, o olhar atento à temporalidade é fundamental para a compreensão dos anseios e problemáticas desenvolvidas pelos literatos que de alguma forma foram entendidos como “românticos”. Assim como Eric Hobsbawm, os pesquisadores Lowy e Sayre definem que o ponto de intersecção entre os românticos é a antipatia ao capitalismo. Para eles, os representantes do “movimento” demonstravam tal insatisfação transitando em diferentes vertentes políticas que variavam de acordo com o tempo e o espaço.

⁶ RÉMOND, *op. cit.*, p. 13

⁷ HOBSEBAWN, *op. cit.*, p. 354-355

⁸ LOWY, Michael e SAYRE, Robert. *Romantismo e Política*. Tradução: Eloisa de Araújo Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. p. 17.

⁹ *Ibidem* p.11.

A presente monografia considera, assim, essencial o olhar para o contexto histórico da obra *O Último Homem* (1826). Pretende-se, desta forma, estudar os escritores românticos ingleses sempre conectados às problemáticas e conflitos políticos de sua temporalidade.

Mary Shelley, em *O Último Homem* (1826), cita diretamente trinta e sete autores, entre eles filósofos, literatos, autores de teorias políticas, entre outros. No romance, ela buscou ressaltar ao seu leitor que essa era uma obra originária de muito estudo sobre literatura, política e revolução. Dentre os escritores citados temos membros da conhecida “Primeira Geração do Romantismo Inglês”¹⁰, tais como William Wordsworth, Edmund Burke, Mary Wollstonecraft e Samuel Taylor Coleridge. Este subitem tem o intuito de demonstrar o impacto da dupla revolução na literatura e política da geração romântica dos pais de Mary Shelley, que agiu diretamente sobre a vida e obra da escritora.

Eduard Palmer Thompson, em *Os Românticos*, obra publicada originalmente em 1999, demonstra como no início da Revolução Francesa muitos intelectuais ingleses defenderam as causas revolucionárias pautadas na ideia de liberdade e igualdade, em oposição às estruturas aristocráticas, absolutistas, ao paternalismo inglês e aos valores escravagistas e imperialistas. Segundo o autor, os pesquisadores ortodoxos classificavam esses radicais ingleses como “jacobinos”, porém, o próprio Thompson, em partes do seu livro, usa o termo “jacobino” com o acréscimo de aspas¹¹. Em sua análise, ele utiliza frequentemente a designação “uma intelectualidade de tendência radical”¹². Segundo Hobsbawm, por exemplo, em 21 de julho de ano 1789, o jornal inglês *The Morning Post* publicou a seguinte nota sobre a queda da Bastilha em 1789:

Um inglês que não se sinta cheio de estima e admiração pela maneira sublime com que está agora se efetuando uma das mais importantes revoluções que o mundo jamais viu deve estar morto para todos os sentidos da virtude e da liberdade; nenhum de meus patrícios que tenha tido a sorte de presenciar as ocorrências dos últimos três dias nesta grande cidade fará mais que testemunhar que minha linguagem não é hiperbólica.¹³

¹⁰ Na prática a separação entre 1ª e 2ª Geração de Românticos não é tão consistente, temos pontos de intersecção em ambas, não existe um rompimento. O que distancia ambas as gerações é um recorte temporal, os primeiros se consolidam como escritores profissionais juntamente com a Revolução Francesa na década de 1790, os segundos durante as duas primeiras décadas do século XIX com as novas revoluções liberais e movimentos nacionais.

¹¹ Eric Hobsbawm possui uma concepção diferente de E. P. Thompson, afirma que “a primeira geração do romantismo, de Blake, Wordsworth, Coleridge, Southey, Campbell e Hazlitt, fora totalmente jacobina”, ver: HOBSBAWM, Eric J. A Era das Revoluções: Europa 1789-1848, tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.p. 370.

¹² THOMPSON, *op. cit.*, p. 106.

¹³ *THE LIBERAL*, 1789 apud HOBSBAWM, 1977, p. 83.

O trecho é uma declarada admiração aos princípios das lutas libertárias da primeira fase da Revolução Francesa. Ficava assim, evidente, que parte da intelectualidade inglesa se mostrou inteiramente extasiada com o movimento. De acordo com E. P. Thompson, os ““jacobinos” intelectuais da década de 1790 eram reformistas em tudo – modos de se cumprimentar, relações entre sexos e relações sexuais, alimentação infantil, brinquedos e educação, estilos e vestidos”¹⁴. Mary Wollstonecraft, mãe de Mary Shelley, por exemplo, era uma representante dessa intelectualidade revolucionária inglesa na década de 1790, elevando a luta pela igualdade e cidadania a um nível acima do que propunha a Constituição Francesa de 1791¹⁵. Wollstonecraft defendeu a cidadania plena e a República laica para homens e mulheres, inaugurando o feminismo como movimento social com a radicalização da democracia. Além disto, ela fundou uma escola para mulheres, defendendo o direito à educação feminina e a libertação do ambiente doméstico. A intelectual também lutou pela liberdade nas colônias inglesas, criticando o sistema escravagista¹⁶. Segundo E. P. Thompson, também temos como intelectuais radicais ingleses na década de 1790: William Wordsworth, Samuel Taylor Coleridge, William Friend, George Dyer, John Thelwall, Basil Montagu, Felix Vaughan, James Losh, Joseph Fawcett¹⁷. Dentre estes estão poetas, jornalistas, filósofos, políticos, homens e mulheres que desafiaram ordens sociais pré-estabelecidas com suas palestras¹⁸, poemas, matérias em jornais, manifestos políticos, ensaios e literatura.

Esse grupo de intelectuais radicais incomodou setores conservadores da política inglesa, que olhavam então com desconfiança e repulsa para o que estava acontecendo em solo francês em 1789. Segundo Lowy e Sayre, Edmund Burke foi o grande nome de oposição do romantismo conservador na década de 1790, uma vez que ele, em sua obra *Reflections on the Revolution* (1790), se opôs aos ideais libertários aclamados pelos revolucionários. Membro do partido *Whig* (liberal), Burke teria adotado, segundo os autores, um liberalismo burguês antirrevolucionário que era um “compromisso entre a burguesia e os proprietários de terra, que [regia] a vida do Estado inglês desde a “Revolução Gloriosa”, de 1688 (evento histórico que Burke invocava com fervor)”¹⁹. Portanto, para Edmund Burke o problema da França foi não ter

¹⁴ THOMPSON, *op. cit.*, p. 238.

¹⁵ A Constituição Francesa de 1791 não incluiu as mulheres na categoria de cidadãs, ver: MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Prefácio*. In: WOLLSTONECRAFT, Mary. Reivindicação dos direitos da mulher. Motta, Ivania Pocinho. São Paulo: Boitempo, 2016. p.8.

¹⁶ MORAES, *op. cit.*, p. 8.

¹⁷ THOMPSON, *op. cit.*, p. 106.

¹⁸ John Thelwall foi o maior palestrante inglês dos democratas na década de 1790, suas reuniões públicas contavam com aproximadamente quatrocentas a quinhentas pessoas, ver: THOMPSON, E. P. Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

¹⁹ LOWY e SAYRE, *op. cit.*, p. 48.

conseguido estabelecer uma união entre terra e dinheiro, aristocracia e burguesia, tal como, em seu ponto de vista, havia ocorrido na Inglaterra. Burke era um admirador da nobreza hereditária, mas nunca defendeu que tal grupo mantivesse o monopólio do poder, devendo dividi-lo em harmonia com os magistrados e com os ricos comerciantes. Para ele, o passado da Inglaterra servia para justificar seu sistema social e político, não para criticá-lo ou transformá-lo²⁰.

Escritores políticos antirrevolucionários, como o próprio Edmund Burke, agiram na consolidação de um sistema de perseguição aos intelectuais radicais e revolucionários na Inglaterra da década de 1790. De acordo com E. P. Thompson, após aprovação do decreto *Two Acts*²¹ no ano de 1795, A Inglaterra vivera o crescimento das prisões de indivíduos acusados de serem jacobinos. Ou seja, considerados traidores da sociedade inglesa, nomes como Gilbert Wakefield, o ministro unitarista, Benjamin Flower, que foi preso por desrespeito ao reverendo Right, B. Flower, editor do *Cambridge Intelligencer* (jornal que E. P. Thompson classifica como representante do jacobinismo intelectual), assim como o poeta Geoge Dyer, encarcerado ao se opor a prisão de seu companheiro Benjamin Flower, foram, de alguma forma, fortemente perseguidos. Estes intelectuais eram julgados por traição, presos, sendo alguns deles exilados. O ápice desses casos ocorreu no ano de 1798 com o aumento da tensão de guerra entre Inglaterra e França, que desencadeou um “arrocho da imprensa londrina, uma operação de limpeza muito eficiente, na realidade, dos principais centros oposicionistas dos intelectuais democratas”²². Ou seja, desde a aprovação dos *Two Acts* (1795), aumentaram-se os riscos de ser um literato, jornalista e político democrata – ou de tendências radicais - sofrerem com perseguições de agentes e espões do Estado, além das caçadas da facção patriótica *Church and King*²³.

Segundo E. P. Thompson, os intelectuais ingleses acusados de jacobinismo sofreram ainda com outro problema além das duras perseguições, prisões e tentativas de assassinato. Como argumenta o autor, parte deles conheceu o desencantamento com o percurso da Revolução Francesa, principalmente com a ascensão do período do “Terror” (1793-1794), com a instauração do tribunal revolucionário e a ação da guilhotina em território francês. A

²⁰ LOWY e SAYRE, *op cit*, p. 48-49.

²¹ O decreto *Two Acts* (1795) consistia em clausuras que buscavam acabar com palestras políticas radicais, proibindo qualquer reunião com mais de 49 pessoas, tal decreto gerou inúmeros conflitos entre literatos, filósofos e membros do parlamento inglês. Na prática o *Two Acts* enfraqueceu os grandes círculos democráticos ingleses, transformando-os em pequenos grupos ou indivíduos solitários, ver: THOMPSON, E. P. Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

²² THOMPSON, *op cit*, p. 79.

²³ A facção *Church and King* era formada por grupos antijacobinos ingleses que ganharam força com a ameaça crescente de invasão francesa na Inglaterra durante a década de 1790, qualquer posição intelectual mais radical era acusada de jacobina, até bibliotecas itinerárias foram consideradas pela facção como agentes do jacobinismo. Conforme os riscos de invasão foram minimizados o cenário de histeria se acalmou, porém, ele deixou marcas duradouras na política inglesa, ver: THOMPSON, *op cit*.

pesquisadora Patrizia Piozzi, em concordância com a perspectiva de E. P. Thompson, define que “a rejeição da democracia de massa, após os eventos inaugurados no ano II, é comum aos radicais ingleses que tinham inicialmente se erguido em defesa da Revolução”²⁴. A imagem extasiada vendida pelo trecho supracitado do *The Mornig Post* começava, assim, a “desbotar”. E. P. Thompson vê nos escritores ingleses William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge uma representação desse desencanto, argumentando sobre a existência mútua de um sentimento de jacobinismo em recuo e dúvida nesses dois intelectuais. Tais escritores, segundo Thompson, teriam sofrido com a contradição entre o que era a filosofia jacobina francesa e o que, na prática, foi a República Jacobina (1793-1794). Nas palavras do próprio autor:

Wordsworth e Coleridge foram colhidos no vórtice de contradições que eram tanto reais quanto ideais. Eram defensores indômitos da Revolução Francesa e ficaram enojados com o curso que ela tomou. [...] Haviam rompido com a cultura tradicional e ficaram horrorizados com algumas características da nova. Desejavam abraçar a causa do povo e receavam que a multidão pudesse se voltar para homens de seu tipo, em primeiro lugar.²⁵

Portanto, W. Wordsworth e S. Coleridge viveram uma tensão intelectual no período da República Jacobina (1793-1794), seus poemas sofreram uma duplicidade ideológica. Em alguns momentos, se aproximavam de perspectivas revolucionárias como as de Hartley, Godwin e Newton. Outras vezes, flertavam com pensamentos conservadores e tradicionalistas como os de Berkeley, Burke e o *Livro da Revelação*²⁶. Por fim, ambos os poetas se distanciaram das concepções democráticas de sua juventude. E. P. Thompson classificou essa mudança como “apostasia”, ou seja, uma negação de todas as suas crenças anteriores²⁷. W. Wordsworth e S. Coleridge, durante a primeira década do século XIX, se aproximariam da ideologia do partido conservador *Tory* com sua concepção anti-godwiniana, anti-ateu, anti-jacobina e anti-liberal, defendendo o tradicionalismo e o orgulho nacional inglês contra os inimigos externos²⁸.

Dessa forma, E. P. Thompson nos mostra como o exercício de analisar obras literárias pode ser complexo, já que um escritor em um mesmo texto, pode transitar entre diversas ideologias, que podem ser até mesmo opostas e contraditórias. Essa característica, comum em

²⁴ PIOZZI, *op. cit.*, p. 40.

²⁵ THOMPSON, *op cit.*, p. 56.

²⁶ *Ibidem* p. 56

²⁷ De acordo com E. P. Thompson, a apostasia dos poetas W. Wordsworth e S. T. Coleridge se consolidou com a ascensão de Napoleão Bonaparte ao Consulado (1799-1804) e posteriormente se tornando Imperador Francês (1804-1814), o sonho revolucionário se transformou em uma guerra imperialista consolidando a transformação política dos poetas, ver: THOMPSON, E. P. Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

²⁸ *Ibidem* p. 157-158.

produções intelectuais, é levada em consideração na análise aqui desenvolvida da obra *O Último Homem* (1826). Para E. P. Thompson, foi esse conflito sofrido pelos intelectuais ingleses que levou o romantismo à sua maturidade na Inglaterra. Segundo o autor, o sentimento romântico advém justamente das incertezas aqui explicitadas²⁹. Porém, os caminhos trilhados por W. Wordsworth e S. Coleridge não foram os únicos entre os românticos. John Thelwall, por exemplo, manteve sua crença democrática mesmo após a experiência da República Jacobina (1793-1794). Thelwall nunca abandonou a causa revolucionária, até mesmo quando se intensificaram as perseguições durante a década de 1790³⁰. Outro exemplo, de acordo com Maria Lygia Quartim de Moraes, é Mary Wollstonecraft, que sofreu com as decepções oriundas da República Jacobina, mas nunca se aproximou de políticas conservadoras. Seu descontentamento, segundo autora Maria L. Q. Moraes, derivou de um perfil pacifista, contrário à pena de morte, escrevendo panfletos de denúncia³¹. Para P. Piozzi “até mesmo uma libertária convicta como Mary Wollstonecraft revela, em sua crônica dos acontecimentos franceses, grande perplexidade diante da "insânia" do povo parisiense”³², sua obra ficou marcada por essa perplexidade até seu falecimento no ano de 1797.

Os escritores William Wordsworth, Samuel Taylor Coleridge, Edmund Burke e Mary Wollstonecraft são, assim, representantes da primeira geração do romantismo inglês. Suas lutas, dúvidas, desencantamentos e desejos influenciaram, por sua vez, a formação intelectual da segunda geração de românticos ingleses, que se consolidou principalmente na década de 1810. Esta nova geração seria composta pelos escritores Percy Shelley, James Henry Leigh Hunt, George Gordon Byron e Mary Wollstonecraft Shelley, entre outros. Em *O Último Homem* (1826), Mary Shelley estabelece um diálogo com os primeiros românticos ingleses, esclarecendo essa herança geracional e fazendo, portanto, esse balanço dos conflitos. Analisar, assim, a obra de Mary Shelley dentro desse contexto histórico é fundamental para o trabalho desenvolvido nesta monografia. Desta forma, o que se segue nas próximas páginas é um levantamento inicial das questões candentes a geração de literatos de Mary Shelley, considerando as heranças da Dupla Revolução nessa intelectualidade inglesa com suas novas lutas libertárias e nacionais.

²⁹ THOMPSON, *op cit*, p. 57-56.

³⁰ *Ibidem* p. 66.

³¹ MORAES, *op. cit*, p. 11.

³² PIOZZI, *op. cit*, p. 40.

2.3 2º Geração de Românticos Ingleses: Restauração e Novas Lutas Liberais

Mary Shelley iniciou sua carreira como escritora profissional em um período histórico diferente da geração de seus pais, não vivenciou os impulsos democráticos dos anos iniciais da Revolução Francesa. Suas questões históricas, então, não eram mais exatamente as mesmas que movimentaram a primeira geração do romantismo inglês, mas uma relação entre ambas as gerações é perceptível tanto em continuidades quanto em rompimentos, derivados de novos embates políticos, sociais e econômicos do início do século XIX. O próprio livro *O Último Homem* (1826) evidencia que a escritora conhecia e trazia para o debate literário obras e temas caros à Inglaterra de fins do século XVIII. O problema é que nem sempre os estudiosos da obra de Mary Shelley respeitaram sua autonomia profissional e seu tempo histórico. Com análises que se reduzem, em grande parte do tempo, ao campo da estética literária, ou que enxergam o contexto revolucionário da escritora com as “lentes” da fase inicial da Revolução Francesa. Dessa forma, tais estudos não dão a devida atenção aos novos movimentos libertários, caracterizados pelas lutas em nome de identidades nacionais, que afloraram por grande parte da Europa a partir da década 1910³³. Este subitem tem o intuito de apresentar as diferenças históricas que propiciaram o surgimento da chamada “segunda geração” do romantismo inglês.

As invasões napoleônicas (1799-1814) modificaram quase todo o mapa político Europeu, o império francês se expandiu pelo continente derrubando reis e regimes absolutistas. Segundo René Rémond, com o domínio francês sobre a Europa ocorreu o despertar de sentimentos nacionais. Para o autor, a ocupação militar francesa aos poucos gerou um “sentimento nacional”, provocou “a aspiração pela independência, o desejo de expulsar os invasores”³⁴, o historiador Jacob Leib Talmon, em *Romantismo e Revolta* (1967), localizou tais levantes populares e nacionais na Alemanha (1813), antes disto, entre os russos, espanhóis e portugueses, e até mesmo na Prússia (1812), onde o rei era aliado de Napoleão Bonaparte. Segundo ele, um general prussiano, em conjunto com a população local, traiu seu rei e desafiou o império francês³⁵. Para além desses conflitos nacionais, tivemos no início do século XIX as lutas de independência da América espanhola.

³³ Sobre as lutas nacionais do início do século XIX na Europa, ver: TALMON, J. L. Nacionalismo. In: *Romantismo e Revolta, Europa 1815-1848*. Tradução: Tomé Santos Júnior. Lisboa, 1957.; HOBBSBAWN, Eric J. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*; tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. e RÉMOND, René. *O século XIX: 1815-1914*. São Paulo: Cultrix, s.d.

³⁴ Rémond, *op cit*, p. 154.

³⁵ TALMON, J. L. Nacionalismo. In: *Romantismo e Revolta, Europa 1815-1848*. Tradução: Tomé Santos Júnior. Lisboa, 1957. p. 104-105.

Segundo René Rémond, o século XIX foi o século das lutas libertárias nacionais, que, conseqüentemente, sofreram com a oposição contrarrevolucionária organizada durante o Congresso de Viena (1814-1815)³⁶. O historiador J. L. Talmon indica ainda a formação de um grupo chamado Santa Aliança (1815), que era uma união entre o Império Russo, Império Austríaco e o Reino da Prússia, com o intuito de manter a integridade das dinastias europeias. Segundo o autor, a Santa Aliança era uma organização internacional “destinada a evitar e sufocar revoluções”³⁷. O grande problema enfrentado pelos conservadores e restauradores da Santa Aliança foi, entretanto, que a Dupla Revolução havia marcado profundamente a história europeia, provocando a eclosão do liberalismo e das novas exigências burguesas, que não se adequavam às antigas estruturas absolutistas. A Grã Bretanha, por exemplo, onde o liberalismo econômico mais havia se desenvolvido e ampliando a indústria do aço e ferro durante as guerras napoleônicas, viveu a indecisão entre o medo de uma revolução europeia generalizada, aos moldes da francesa, e a defesa das novas necessidades do mercado internacional capitalista que não se encaixavam com antigos modelos de Estado previstos por sistemas políticos mais tradicionais³⁸.

Em meio a esse novo cenário de lutas libertárias e de identidade nacional, foi se desenhando aquilo que passou a ser chamado de “segunda geração” dos escritores românticos ingleses. Geração que, mais uma vez, demonstrava que arte e política se misturavam sempre. Artistas que, através de suas obras, pensaram o seu tempo e seus conflitos sociais. Tal geração, a qual teria pertencido, de forma geral, a escritora Mary Shelley e seus companheiros Lord Byron e Percy Shelley, se mostravam também preocupada com questões políticas e com o papel da arte na transformação da sociedade. Por suas temáticas e formas literárias, eles acabaram sendo inseridos nessa segunda onda romântica, uma geração que vivenciou a expansão urbana inglesa e a formação dos bairros pobres de Londres. O poeta Percy Shelley, por exemplo, marido de Mary Shelley, produziu um dramático e melancólico “retrato sombrio das condições de vida dos pobres”, assim como dos “crimes dos ricos e poderosos na sociedade burguesa”³⁹. Fazia tal relato com uma abordagem que apelava sentimentalmente para o leitor, mas sem se afastar do debate político. As antigas lutas libertárias não foram, assim, esquecidas. O desejo

³⁶ O Congresso de Viena (1814-1815) foi uma reunião internacional na cidade italiana Viena, nela estavam representantes do Império Russo, Império Austríaco, da Alemanha, Prússia, Reino Unido e França, o intuito foi a organização do mapa Europeu pós queda de Napoleão Bonaparte, além de evitar o espalhar de revoluções pelo continente, ver: RÉMOND, René. O século XIX: 1815-1914. São Paulo: Cultrix, s.d.

³⁷ TALMON, *op. cit.*, p. 159.

³⁸ HOBBSBAWN, *op. cit.*, p.159.

³⁹ PIOZZI, *op. cit.*, p. 42.

por igualdade entre homens e mulheres, por exemplo, com o direito à cidadania para ambos, se faria presente nas obras de Mary Shelley, literata que sempre dialogava – direta ou indiretamente – com as ideias de sua mãe, demonstrando a continuidade de uma luta que perduraria até os dias atuais⁴⁰.

Em 1822, na cidade de Viena, os escritores Percy Shelley, Lord Byron com a edição de Leigh Hunt, fundaram o jornal *The Liberal: Verse And Prose From The South*, algo que nos ajuda a compreender quais embates políticos esse grupo se interessou naquele momento. Percy Shelley, como dito anteriormente, morreu afogado logo após a 1ª edição do jornal. Fato é que desde a 2ª edição *The Liberal*, Mary Shelley teve participação direta com a publicação de três obras no jornal: *A Tale Of The Passions, Or The Death Of Despina; Madame d'Houtetôt e Giovanni Villani*. De acordo com Lisa Vargo⁴¹, Mary Shelley participou desse grupo que pensava constantemente em reformas libertárias. Segundo Vargo, a escritora imaginou os leitores do *The Liberal* como homens e mulheres que “suggests a place for woman in thinking about social and political reform”⁴². Porém, para que tenhamos um panorama das questões abordadas pelo jornal literário, temos que compreender o sentido adotado do termo “liberal”, já que em uma mesma época histórica ele poderia adquirir inúmeras facetas. O nome *The Liberal*, por si só, gerou um ambiente de tensão entre seus integrantes e a comunidade conservadora, puritana e antiliberal. Segundo Lisa Vargo, novos significados radicais do termo “liberal” levaram Lord Byron a escolhê-lo, ele:

viewed “liberal” in terms of national sovereignty associated with Spanish and Italian liberation movements, rather than reflecting a more general social reform; Byron might have received this meaning through Lord Holland’s publication *El Espagnol* (1810-1814) and its use of the word “liberales”. Beyond this larger transnational matters, the English use of “liberal” shifts in meaning during the period, from being associated with “persons of superior social station” and with connotations of generosity and licentiousness, to have specific political associations that make it synonymous with the word “radical”⁴³.

⁴⁰ Sobre a continuidade das lutas por igualdade e cidadania nas obras de Mary Shelley, ver: DE LA ROCQUE, L.R e [TEIXEIRA, Luiz Antonio](#). Frankenstein, de Mary Shelley, e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 2001, vol.8, n.1, pp.11-34.; e DE LA ROCQUE, L. R. . *Autobiography and Feminist Criticism in Mary Shelley’s The Last Man*. Open to Discussion , Rio de Janeiro, v. 11, 2001.

⁴¹ Professora da University of Saskatchewan especialista em literatura do século XVIII e XIX, especialmente em Mary Shelley.

⁴² sugere um lugar para a mulher pensar em reforma social e política”, ver: VARGO, Lisa. *Writing for The Liberal*. In: *Mary Shelley: Her Circle and Her Contemporaries*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2010. p. 132.

⁴³ “via “liberal” em termos de soberania nacional associada aos movimentos de libertação da Espanha e da Itália, em vez de refletir uma reforma social mais geral; Byron pode ter recebido significado através da publicação de

Portanto, para Lisa Vargo, a escolha do termo liberal não está relacionada com o partido liberal inglês *Whig*, mas com as aqui já enunciadas revoltas libertárias de identidade nacionais, movimentos estes que possuíam um caráter continental. O jornal literário não era uma defesa do liberalismo econômico. O *The Liberal* ser escrito em Viena foi algo completamente desafiador, pois era um local conhecido na Europa por suas tradições dinásticas, que poucos anos antes havia sediado o Congresso de Viena (1815). O resultado nos é revelado através de uma carta de Lord Byron para Mary Shelley, na qual ele comentou: “I never heard so perversing and outcry against any work”⁴⁴. Outra carta que demonstrou a recepção da comunidade conservadora foi escrita por William Wordsworth, que no período de publicação do *The Liberal* já havia se aproximado do partido inglês *Tory* (Conservador), ele afirmou:

Byron, Shelley, Moore, Leigh Hunt ... are to lay their heads together in some Town of Italy, for the purpose of conducting a Journal to be directed against everithing in religion, in morals and probably in government and literature, which our Forefathers have been accustomed to reverence⁴⁵.

O comentário de William Wordsworth nos demonstra o quanto o *The Liberal* foi um projeto arriscado desses literatos, que dialogava com as gerações revolucionárias do passado. Um projeto ousado e que, como tal, sofreu com as perseguições políticas. Como já demonstrei através da obra *Os românticos*, de E. P. Thompson, o ambiente de perseguição à políticas radicais se tornou uma questão séria na Inglaterra, principalmente após a instauração dos *Two Acts* em 1795, intensificados pelas perseguições da facção *Church and King*. O *The Liberal* não ter sido escrito na Inglaterra pode ser um indicativo do risco que eles corriam em solo britânico que, durante o início do século XIX, continuou a caçada de políticos radicais, como foi o caso ocorrido com o próprio editor do *The Liberal* entre os anos de 1813 e 1815. Leigh Hunt passou dois anos preso por ser considerado traidor de sua pátria. Tais fatos podem ter levado à tomada de demasiadas precauções para se evitar a repetição da história. Em sua autobiografia (1860), Leigh Hunt demonstrou o terror de viver o encarceramento⁴⁶.

Lord Holland El Espagnol (1810-1814) e seu uso da palavra "liberales". Além dessas questões transnacionais mais amplas, o uso inglês de "liberal" muda de significado durante o período, de ser associado a "pessoas de posição social superior" e de conotações de generosidade e licenciosidade, para ter associações políticas específicas que o tornam sinônimo de palavra "radical", ver: VARGO, Lisa. *Writing for The Liberal*. In: Mary Shelley: Her Circle and Her Contemporaries. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2010. p. 132.

⁴⁴ “Eu nunca ouvi tanta perversão e clamor contra qualquer trabalho”, ver: BYRON *apud* VARGO, 2010, p. 133.

⁴⁵ “Byron, Shelley, Moore, Leigh Hunt ... estão para colocar suas cabeças juntas em alguma cidade da Itália, com o propósito de conduzir um Jornal que é diretamente contra tudo na religião, na moral e provavelmente no governo e literatura, que nossos antepassados estão acostumados a reverenciar”, ver: WORDSWORTH *apud* VARGO, 2010, p. 133.

⁴⁶ VARGO, op. cit, p. 133.

No prefácio do *The Liberal: Verse And Prose From The South*, escrito por Leigh Hunt, temos um discurso precavido, marcado pelo intuito de evitar problemas posteriores. No prefácio Hunt afirma que: “The object of our work is not political, except inasmuch as all writing now-a-days must involve something to that effect, [...] We wish to do our work quietly, if people will let us, to contribute our liberalities”⁴⁷. Eles afirmam uma recém descoberta ligação entre matérias de qualquer tipo e a política, mas suas contribuições às reformas liberais têm o intuito de serem quietas, sem conturbações, no formato de poesia, ensaios, contos, traduções, entre outros⁴⁸. De acordo com Lisa Vargo, Mary Shelley compartilhava com Leigh Hunt essa crença de que a literatura poderia falar de política de forma indireta, sem que o escritor ficasse exposto ao público. Tais medidas evitariam problemas em uma sociedade com histórico de perseguição a políticos e pensadores radicais.

Contudo, o prefácio do *The Liberal* não foi tão ameno quanto os trechos anteriores sugerem. Em meio a precaução temos um manifesto político contra as duras perseguições sofridas pelos defensores de ideologias consideradas radicais, como as lutas libertárias nacionais e de cidadania. É importante constatar que o *Prefácio* foi escrito em 1ª pessoa do plural – “nós” -, além de não ser assinado no final, o que indica que representava o jornal como coletivo, todos os seus membros, numa espécie de “editorial”. O primeiro alvo foi o conservador Duke de Wellington, um dos grandes nomes da monarquia inglesa na luta contra Napoleão Bonaparte, período em que ganhou o título de Marechal. O *The Liberal* ironizou sua atuação na Corte:

But he is a good hunting captain, - a sort of human setter⁴⁹. [...] We allow him all his praise in that respect, and only wish he had not confounded the rights of nations with those of a manor. What does he mean too by treating public meetings with contempt?⁵⁰

Essa foi uma resposta assídua aos grupos conservadores ingleses, que desde o Congresso de Viena (1814-15) e o início da guerra contra a independência irlandesa (1819), optaram por uma radicalização da perseguição e punição, especialmente contra reuniões públicas. Temos

⁴⁷ “O objetivo do nosso trabalho não é político, exceto que todos os escritos atuais devem envolver algo nesse sentido, [...] Desejamos fazer nosso trabalho em silêncio, se as pessoas nos permitirem, para contribuir com nossas liberdades”, ver: VARGO, op. cit, p. 132.

⁴⁸ *Ibidem* p. 132.

⁴⁹ Setter é uma raça irlandesa de cães de caça.

⁵⁰ “Mas ele é um bom capitão de caça, uma espécie de Setter humano. Nós permitimos a ele todos os seus elogios a esse respeito, e só desejo que ele não tenha confundido os direitos das nações com os de uma mansão. O que ele quer dizer com tratar as reuniões públicas com desprezo?”, ver: Cf. *The Liberal: Verse and prose from the South*, 1822.

também a crítica ao recém falecido⁵¹. Lord Castlereach, que de acordo com o *The Liberal* era um dos estadistas mais vingativos e antiliberais de seu tempo, eles continuam: “Look at his famous Six Acts! Look at his treatment of Bonaparte, his patronage of such infamous journals at *Beacon*, his fondness for imprisoning, [...] But he is dead, and people are called upon to be liberal!”⁵². Lord Castlereach foi fundamental na consolidação dos *Six Acts* que legitimou a supressão de encontros públicos que defendessem reformas políticas radicais, medidas tomadas após o Massacre de Peterloo (1819). A morte do estadista do *The Liberal* era convidativa para o povo lutar por causas libertárias. Porém, eles advertiram que a situação não era tão simples: “Have the consequences of Lord Castlereach’s actions died with him? Are the Six Acts dead? Are thousands of Irish living? We will give a specimen of the liberality of these new demanders of liberty”⁵³. Todas as respostas são negativas, o *The Liberal* era ao mesmo tempo um enunciar das novas demandas de liberdade e um chamado para a “luta”.

A participação de Mary Shelley no *The Liberal* nos permite colocá-la em sintonia – ou ao menos em diálogo – com as novas lutas liberais proclamadas pelo jornal – sempre considerando suas singularidades e autonomia como escritora. De acordo com Gary Kelly⁵⁴, a literatura política do período revolucionário e romântico foi marcado pela existência de *coteries*, que seriam grupos de indivíduos que “meeting informally and corresponding with each other, who advance certain shared social, cultural, and political interests”⁵⁵. Sem se configurar em estruturas formais como os partidos modernos, esses escritores compartilhavam espaços de debate coletivo, suas obras dialogavam entre si, muitas vezes com citações mútuas – nem sempre eles se conheciam pessoalmente. A escritora cita diretamente trabalhos de Lord Byron e Percy Shelley em sua obra *O Último Homem* (1826) estabelecendo um diálogo com questões candentes para esse grupo de escritores. É importante ressaltar, contudo, que precisamos tomar cuidado para não retirar de Mary Shelley sua autonomia intelectual. Sua participação no *The Liberal* não significa que eles partilhavam ideologias únicas, mas nos ajuda a entender em qual debate político ela estava inserida. O próximo capítulo desta monografia será uma apresentação

⁵¹ Faleceu no ano de 1822, pouco tempo antes da escrita do Prefácio do *The Liberal*.

⁵² “Veja seus famosos seis atos! Veja seu trato de Bonaparte, seu patrocínio de periódicos tão infames em *Beacon*, sua predileção por aprisionar, [...] mas ele está morto, e as pessoas são chamadas para serem liberais!”, ver: Cf. *The Liberal: Verse and prose from the South*, 1822.

⁵³ “As consequências das ações de Lorde Castlereach morreram com ele? Os Seis Atos estão mortos? Existem milhares de irlandeses vivendo? Daremos um exemplo da liberalidade desses novas demandas de liberdade”, ver: Cf. *The Liberal: Verse and prose from the South*, 1822.

⁵⁴ Formação em história moderna e literatura inglesa pela Universidade de Toronto e a Universidade de Oxford.

⁵⁵ “[...] reunindo informalmente e correspondendo entre si, que promovem certos interesses sociais, culturais e políticos compartilhados”, ver: KELLY, Gary. *Politicizing the Personal: Mary Wollstonecraft, Mary Shelley, and the Coterie Novel*. In: *Mary Shelley in her times*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000. p. 148.

e análise da fonte *O Último Homem* (1826). Temos uma problemática que surgiu no percurso dessa pesquisa, constatamos que as análises do livro muitas vezes são contraditórias sobre o tema revolucionário. Essa monografia tentará contribuir com esse debate, investigando possibilidades interpretativas do romance *O último homem*, articuladas sempre ao contexto histórico e intelectual no qual a obra foi produzida.

Capítulo III: Política, revolução e Literatura nas páginas de *O Último Homem*

3.1 *O Último Homem*, de Mary Shelley

A obra *The Last Man*, traduzida como *O Último Homem*, foi publicada no ano de 1826 pelo editor londrino Henry Colburn. Escrita por Mary Wollstonecraft Godwin Shelley, a obra é composta por três volumes e se caracteriza por ser um romance controverso, tanto em classificações de gênero literário quanto na definição das concepções políticas da literatura. O gênero literário da obra varia de gótico, romântico e romance histórico. L. Sterrenburg, por exemplo, classificou o livro como uma mistura entre literatura gótica distópica e romantismo. Sterrenburg propõe um afastamento da autora no que se refere ao radicalismo e racionalismo político¹. Em oposição a esse argumento, Betty T. Bennett classificou a obra como literatura romântica e representante do radicalismo revolucionário da segunda geração do romantismo inglês².

Em *O Último Homem* a narrativa é veloz, os personagens crescem, amadurecem e se transformam politicamente em curtos espaços de tempo. Na obra, monarquias caem e se transformam em repúblicas, como é o caso da Inglaterra, que na história não é mais uma monarquia constitucional, mas se tornara uma República sob o comando de um protetorado e um parlamento. No livro, momentos de paz e estabilidade política são substituídos por conturbações e instabilidades como, por exemplo, o constante risco de guerra civil dentro do território inglês. Os conflitos na obra restringem-se entre três grupos políticos: os aristocratas, os democratas e os monarquistas³. Em certo paralelo com a realidade política de Mary Shelley, no livro *O Último Homem* temos um continente Europeu abalado por guerras revolucionárias, entre elas a Revolução Grega, na qual líderes políticos e militares ascendem e caem em ruína

¹ Lee Sterrenburg adota uma concepção de que Mary Shelley se aproxima da estrutura gótica de William Wordsworth em *St. Leon*, constatando que ela constrói uma crítica ao excesso de racionalização e naturalização do mundo político – essa concepção será explicada detalhadamente no Capítulo IV. Ver: STERRENBURG, *op cit*, p. 336.

² O radicalismo da segunda geração do romantismo inglês contempla um diálogo principalmente com Percy Bysshe Shelley e Lord Byron. Betty T. Bennet localiza em *O Último Homem* uma conexão com essa linha do romantismo inglês – essa concepção será explicada detalhadamente nesse Capítulo IV. Ver: Mary Shelley em conexão com essa linha do gênero romântico. BENNETT, Betty T. *Radical Imaginings: Mary Shelley's "The Last Man"*, *op cit*, p. 147.

³ SHELLEY, Mary Wollstonecraft. *O último homem*, *op cit*, p. 58.

diante de empreitadas imperialistas⁴. O romance foi escrito em meio a uma Europa convulsionada pelos resquícios da experiência napoleônica, pelas lutas e revoluções nacionalistas e liberais.

Com uma intrigante introdução, Mary Shelley nos conta a história de uma mulher (anônima) que viaja com seu companheiro para Nápoles no ano de 1818. Eles visitam a Gruta de Sibila acompanhados de guias locais, chamados Lazzeroni. Na caverna, o casal encontra uma abertura escondida que almejam se aventurar, com o intuito de descobrir o que havia escondido no local. Passando por caminhos tortuosos, eles chegam “a uma ampla caverna com um teto em forma de arco, como um domo”⁵ e descobrem que o local era a real caverna de Sibila de Cumas⁶. Em meio a manuscritos abandonados, eles encontram relatos sobre o futuro da humanidade, documentos assinados por um inglês chamado Lionel Verney, que datavam de 2073 a 2100. O relato continha a história de um apocalipse em que Lionel Verney conta a vida dos últimos habitantes da terra. Logo após essa introdução, o romance sai da temporalidade de 1818 e vai para o ano de 2073, momento em que transcorre a narrativa da obra⁷.

O Volume I do livro *O Último Homem* conta como os personagens principais - Lionel Verney, Perdita, Idris, Lord Raymond e Adrian – se conhecem e constroem relações de companheirismo e articulação política. Lionel Verney inicia a narrativa contando a trajetória de seu pai (cujo o nome não é revelado), que seria um homem sem descendência nobre, mas que vivera em meio a laços afetivos com nobres e o rei da Inglaterra. O pai de Lionel Verney recebia riquezas suficientes para se manter numa boa vida, mas seu vício em jogos de apostas e bebedeiras levava-o ao declínio. Envergonhado de pedir auxílios ao seu amigo monarca, o pai de Lionel Verney foge de Londres a caminho do campo. Nessa empreitada, o pai se apaixonou por uma camponesa e com ela teve dois filhos: Lionel Verney e Perdita. Porém, quis o destino que o pai adoecesse e abandonasse seus filhos. Antes de morrer, contudo, ele envia uma carta pedindo auxílio ao rei, mas a missiva nunca teve resposta. Como se não bastasse, a morte do pai é seguida da mãe de Lionel Verney. Sendo assim, Lionel Verney, com apenas cinco anos de idade, ficou órfão e com uma irmã mais nova para criar. Nesse caminho, tornou-se pastor de ovelhas e membro de uma encenqueira gangue de jovens.

Enquanto Lionel Verney crescia isolado no campo longe do mundo político, a Inglaterra passava por uma turbulência que gerara a deposição de seu monarca. Segundo Lionel Verney,

⁴ A Revolução Grega ocorreu na terceira década do século XIX, foi uma luta de independência dos gregos contra o Império Otomano. A Grécia se torna independente em 1829 com ajuda da Rússia e a Grã-Bretanha. Ver: Hobsbawm, *op cit*, pp. 151-152.

⁵ SHELLEY, Mary Wollstonecraft. *O último homem*, *op cit*, p. 8.

⁶ Sibila de Cumas na mitologia grega recebia profecias do Deus mensageiro Apolo. Ver: *Ibidem* p. 11.

⁷ *Ibidem* p. 12.

a “Inglaterra havia sido palco de convulsões históricas durante minha infância. No ano 2073, o último dos seus reis, o antigo amigo de meu pai, havia abdicado [...] e uma república foi instituída”⁸. Em uma nova Inglaterra, com diferentes exigências políticas, o rei aceitara sua deposição com a condição de manter seus títulos de nobreza, tornando-se, assim, Conde de Windsor com grandes castelos e riquezas. Contudo, logo após a perda do trono, o Conde de Windsor falecera, deixando dois filhos Adrian e Idris, além da viúva Condessa de Windsor – ex-rainha Inglaterra – uma anti-heroína que não aceitava a queda da monarquia. A Condessa de Windsor dedicara sua vida à criação e educação de seu filho Adrian, estipulando para ele o “rígido propósito de recuperar a coroa perdida”⁹. Ironicamente, o filho “destinado” a recuperar o poder e honra da monarquia caída logo se converteria ao republicanismo, contrariando a vontade da mãe.¹⁰

Durante o volume I de *O Último Homem* o caminho de Lionel Verney e Adrian se chocam em Cumberland. Lionel Verney nunca havia perdoado a família de Adrian pelo abandono de seu pai. Com isso, ele decide se vingar dos nobres, mas acaba descobrindo que a carta de socorro de seu pai nunca havia chegado ao rei da Inglaterra. Adrian em apenas um dia de conversas com Lionel Verney o acalma e o pastor de ovelhas conclui:

Em pessoa (Adrian), ele dificilmente parecia ser deste mundo; sua delicada estrutura era super-educada pela alma que ali residia; ele era todo mente; “*Basta que dirijais um junco contra*” seu peito e teria sido conquistada sua força; mas o poder do seu sorriso teria domado um leão faminto ou feito com que um exército deitasse suas armas sob seus pés.¹¹

Adrian, inteligente, eloquente e intelectual, rapidamente conquistou Lionel Verney. O camponês se considerava um bárbaro incivilizado e viu em Adrian uma oportunidade de ascensão. Com isso, ambos iniciam um ciclo de amizade que duraria toda a vida. Lionel Verney, que antes era um pastor encenqueiro, se torna um diplomata. Adrian, após treiná-lo nas artimanhas do mundo político, o envia como secretário para Viena, onde ele apreende a lidar com os conflitos e perturbações das grandes capitais do mundo moderno.

No retorno de Lionel Verney para a Inglaterra o cenário havia se transformado drasticamente. O personagem Lord Raymond é inserido na narrativa. Nobre inglês, Raymond havia se mudado para a Grécia após seu empobrecimento, local onde luta e se torna herói na

⁸ SHELLEY, Mary Wollstonecraft. *O último homem*, op. cit., p. 27.

⁹ *Ibidem* pp. 27-28.

¹⁰ *Ibidem* p. 93.

¹¹ *Ibidem* p. 34.

Revolução Grega contra o Império Otomano. Quando Lord Raymond retorna à Inglaterra, ele recebe uma desconhecida herança. Essa retomada do nobre é o estopim para um estouro político no livro *O Último Homem*. Lord Raymond sempre teve sonhos tirânicos de grandeza, ele arquiteta com a Condessa de Windsor (Ex-Rainha da Inglaterra) o retorno da monarquia inglesa através de um golpe de estado. Nas próprias palavras de Lord Raymond: “Não eram os homens mais fortes do seu tempo reis? [...] O pai de Adrian proporcionou o já quebrado cetro da Inglaterra; mas eu colherei a planta caída, juntarei seu talo desmembrado e a exaltarei acima de todas as flores do campo”¹². Indo ainda mais além, Lord Raymond deseja uma expansão imperialista, digna de Napoleão Bonaparte:

meu primeiro ato quando eu me tornar Rei da Inglaterra será o de unir os gregos, tomar Constantinopla e subjugar toda a Ásia. Pretendo me tornar um guerreiro, um conquistador; o nome de Napoleão será oculto pelo meu; e os entusiastas, ao invés de visitar sua tumba e exaltar os méritos do caído, deverão adorar minha majestade e expandir minhas ilustres conquistas¹³.

Para tais conquistas, Lord Raymond arquiteta com a Condessa de Windsor um casamento arranjado com a ex-princesa Idris, para firmar um laço de sangue essencial para o golpe de estado e retorno da dinastia. Porém, o inesperado acontece, Lord Raymond se apaixona pela camponesa Perdita – irmã de Lionel Verney. Assim sendo, o nobre lorde inglês abandona seus desejos de poder por um casamento romântico com a jovem. Este amor entre uma camponesa e um nobre rompe com expectativas de classe, existentes tradicionalmente na sociedade inglesa do início do século XIX e o livro *O Último Homem* ousa ultrapassar essas barreiras.

A Condessa de Windsor, frustrada com o rompimento entre Lady Idris e Lord Raymond, sofreria ainda com outro improvável: Lionel Verney e Idris se apaixonam e decidem enfrentar todos os bloqueios de classe. Com isso, a ex-rainha ataca ferozmente o casal, ela argumenta para a filha:

lembre-se, Lady Idris, não é apenas o sangue real da Inglaterra que corre pelas suas veias, você é a Princesa da Áustria e cada instante de sua vida é igual ao dos de imperadores e reis. Portanto, você é a melhor escolha para um jovem pastor analfabeto, cuja única herança é o nome apagado de seu pai?¹⁴

¹² SHELLEY, Mary Wollstonecraft. O último homem, *op cit*, p. 65.

¹³ *Ibidem* p. 66.

¹⁴ *Ibidem* p. 93.

A condessa de Windsor tenta até mesmo realizar um rapto de Idris para a Áustria, mas ela não conseguiu lutar contra uma juventude inglesa imersa em outras necessidades políticas, nas quais as diferenças e a relação entre nobres e plebeus se alterava. Mary Shelley, na obra *O Último Homem*, rompia, assim, com expectativas conservadoras e tradicionalistas da Inglaterra de seu tempo, apontando para a formação de um novo ideal de classes. O político republicano Ryland é um dos exemplos da nova estrutura política inglesa, já que ele discursa ardentemente pela glória da luta republicana de seus antepassados. Em discurso:

Ele comparou o espírito real e o republicano; provou como um tendia à escravidão das mentes dos homens; enquanto todas as instituições do outro serviam para elevar até mesmo o mediano entre nós para algo grande e bom. Ele demonstrou como a Inglaterra tornara-se poderosa e seus habitantes sábios e valentes, por meio da liberdade de que desfrutavam.¹⁵

No livro *O Último Homem* existe a construção de lados políticos opostos, a literata constrói embates pautados em seu próprio tempo histórico. Ryland sonha com uma idílica república igualitária. Sempre desdenhando de um passado tradicional e dinástico, ele discursa que a Inglaterra caminha rumo à plena liberdade. Ironicamente, Ryland não era um pobre democrata do povo, mas um representante de interesses da nova sociedade burguesa que se constituía. Lionel Verney compara a ideologia do partido de Ryland com a democracia estadunidense. Segundo ele, o grupo:

apelava para o preconceito sem conta, para velhos laços e jovens esperanças; para as expectativas de milhares que poderiam ser, algum dia, seus pares; eles ergueram-se como um espantalho, um espectro de tudo o que era sórdido, mecânico e baixo nas repúblicas comerciais.¹⁶

O discurso de Lionel Verney é a metáfora do espantalho que simula um corpo humano, apontando que o partido de Ryland também simulava algo, no caso, representa falsamente uma política democrata e igualitária. Pelo contrário, o partido de Ryland é representado dentro de uma lógica de repúblicas comerciais, de interesses capitalistas e da nova burguesia não descendente de nobres. Se opondo drasticamente a essa concepção, a Condessa de Windsor é a grande representante da monarquia e dos nobres caídos.

Com o fracasso da Condessa de Windsor, os casais Lord Raymond e Perdita, Lionel Verney e Idris se juntam a Adrian na construção de uma sociedade harmônica nos bosques de Windsor. Nessa comunidade, o grupo vivia distante de perturbações políticas das capitais, até

¹⁵ SHELLEY, Mary Wollstonecraft. *O último homem*, op. cit, p. 68.

¹⁶ *Ibidem* p. 240

que novamente Lord Raymond age como elemento de reviravolta da narrativa, abandonando os idílicos bosques para se eleger ao protetorado da Inglaterra. Em uma acirrada disputa com Ryland, Lord Raymond ganha as eleições e começa seu sonho de construir uma nova Inglaterra. Lionel Verney descreve que o Protetor acredita viver em um país que estava próximo a perfeição, uma espécie de consolidação de uma utópica sociedade moderna burguesa, em seu governo:

Canais, aquedutos, pontes, prédios oficiais e vários edifícios para repartições públicas estavam sendo tratados; [...] que deveriam render à Inglaterra um cenário de abundância e magnificência; o estado de pobreza estava para ser abolido; homens, para serem transportados de lugar a lugar com a mesma facilidade que os príncipes Houssain, Ali e Ahmed, em “As Mil e Uma Noites”. [...] doenças estavam para ser erradicadas; o trabalho, aliviado de sua extenuante carga. Isso não soava extravagante. As artes da vida e as descobertas da ciência haviam aumentado em uma proporção que deixava todo o cálculo defasado; os alimentos eram gerados, por assim dizer, espontaneamente – máquinas existiam para fornecer com facilidade qualquer desejo da população.¹⁷

Ironicamente, Lord Raymond nunca havia pisado nos bairros pobres de Londres e o romance questiona justamente quem eram esses indivíduos que olhavam idilicamente para a Inglaterra republicana. Ele somente decidiu ir as residências pobres de Londres quando descobriu que uma arquiteta que lhe interessava lá morava. Lord Raymond, nesse momento, passa por um choque de realidade:

ele foi sozinho à casa indicada. A pobreza, a sujeira e a repulsiva miséria caracterizavam sua aparência. Ah! pensou Raymond, tenho muito que fazer antes que a Inglaterra torne-se um Paraíso. [...] Raymond nunca visitara as habitações dos pobres e a cena que se apresentava a ele tocou seu coração. O chão estava gasto em vários lugares; as paredes estavam puídas e nuas – o telhado manchado de umidade – uma cama maltrapilha no canto; havia duas cadeiras no quarto e uma mesa rústica quebrada, sobre a qual havia uma vela em um fino candelabro¹⁸

E para a surpresa do Protetor, a moradora da casa era a princesa grega empobrecida Evadne Zaimi, uma mulher muito apaixonada por Lord Raymond. Durante o mandato de Lord Raymond na Inglaterra, o povo grego lutara – de forma revolucionária - por sua libertação do Império Otomano. O destino miserável de princesa Evadne representaria uma das violências da revolução. Evadne Zaimi é filha do “príncipe Zaimi, embaixador na Inglaterra dos estados livres

¹⁷ SHELLEY, Mary Wollstonecraft. O último homem, op. cit, p. 118.

¹⁸ *Ibidem* p. 121.

da Grécia”¹⁹, ela desde seus doze anos de idade frequenta o Castelo de Windsor, construindo uma relação de afeto com a Condessa de Windsor e seus filhos Adrian e Idris. Evadne é uma princesa orgulhosa de si, de personalidade confiante e inteligência notável, mas quis o destino que a revolução fosse o estopim para a sua ruína. Quando o príncipe Zaimi morre, Evadne se casa com um rico nobre turco, mas a:

guerra, que cerca de um ano antes havia irrompido entre Grécia e Turquia, acarretou-lhe muitos reveses do destino. Seu marido faliu e então, em um tumulto e uma ameaça de massacre dos turcos, foram obrigados a fugir no meio da noite e de um bote foram resgatados por um navio inglês²⁰

Com esse acontecimento, além de outros similares, podemos conjecturar que Mary Shelley estabelece uma crítica a guerra, e também ao processo revolucionário, que transcorre toda a narrativa de *O Último Homem*, a literata enfatiza a expansão da miséria entre os países envolvidos nesses conflitos. Evadne é uma das vítimas da Revolução Grega, sendo acolhida por Raymond. Esse ponto da narrativa significaria uma grande reviravolta que marcaria a passagem para o Volume II. O amor e a harmonia entre os jovens casais apaixonados acarretaria em um cenário de guerra, destruição, ruína e revolução. O Protetor da Inglaterra se torna então amante de Evadne e, com o tempo, Perdita descobre a traição de seu marido, o que abalou a relação entre ambos. Lord Raymond, frustrado amorosamente, abandona o protetorado da Inglaterra e, com isso, inicia uma nova jornada como comandante do exército grego. A obra *O Último Homem* se aprofunda, então, em um cenário de turbilhão revolucionário.

O *Volume II* tem a maior parte de sua narrativa na Grécia, onde Lord Raymond rapidamente ascende como comandante do exército revolucionário grego. O comandante convence o pacifista Adrian a lutar pela causa da revolução. O discurso de Lord Raymond era libertário: “verá um novo povo (o grego); testemunhará o aguerrido combate que lá se trava entre civilização e barbárie; observe e talvez dirija os esforços de uma população nova e vigorosa rumo à liberdade e à ordem”²¹. Adrian, sendo um republicano amante da liberdade, aceita o convite de Lord Raymond, isso evidencia o que possivelmente é uma das grandes críticas do livro *O Último Homem*, que é a diferença entre o ideal dos revolucionários gregos e a guerra na prática. Adrian ao se tornar um soldado sofre um grande impacto de realidade, a ideia romantizada de revolução é destituída: “Está bem”, disse Adrian, “falar sobre a guerra nestes tons agradáveis e com muito óleo mal gasto fazer uma exibição da alegria, pois muitos

¹⁹ SHELLEY, Mary Wollstonecraft. *O último homem*, op. cit, p. 40.

²⁰ *Ibidem* p. 40.

²¹ *Ibidem* p. 166.

de nossos semelhantes deixam com dor este doce ar e sua terra natal”²². Ao apontar para expressões artísticas idealizadoras da guerra enquanto alegria, glória e heroísmo, Mary Shelley delimita que este não será o caminho seguido em sua obra *O Último Homem*. Pelo contrário, a literata estabelece uma inversão de todo esse ideal. Para Adrian, essa idílica “tela” pintada sobre o processo revolucionário é uma idealização:

não nos deixemos enganar. Os turcos são homens; cada fibra, cada membro sente-se como se fossem nossos, e cada espasmo, seja mental ou corpóreo, é tão verdadeiramente sentido no coração ou no cérebro de um turco como no de um grego. A última ação na qual estive presente era a tomada de... Os turcos resistiram até o fim, a guarnição de defesa perecera pelos muros e entramos em assalto. Cada criatura que respirava dentro dos muros foi massacrada. Pensam que, entre os gritos da inocência violada e da infância desamparada, eu não sentia em cada nervo o clamor de um ser semelhante? Eram homens e mulheres, sofrendo, antes de serem Maometanos e quando erguerem-se sem o turbante dos túmulos, com exceção de suas boas ou más ações, serão melhores ou piores do que nós?²³

Para Adrian, o discurso libertário parecia simples e glorioso, mas a realidade de massacres, estupro e loucura em meio à guerra acabam por lhe causar repulsa. Segundo Adrian, as causas do conflito entre gregos e turcos, ocidente e oriente, cristianismo ortodoxo e islamismo, pareciam absolutamente ínfimas diante da violência que se sucedia. O Volume II é a continuidade dessa trajetória de Lord Raymond, sendo acompanhado por Lionel Verney, Adrian e Perdita, em batalhas pela libertação do povo grego e o avanço sobre o território do Império Otomano. A cada batalha e cidade conquistada, a luta pela liberdade de um povo se transformava em desejos de conquista e expansão imperialista. Lord Raymond é uma idealização do líder revolucionário napoleônico, além de libertador, seu desejo é de expansão territorial, ele é representante de um militarismo ardentemente criticado por Adrian:

Ele é um soldado e general. Ele pode influenciar cães de guerra sedentos de sangue, enquanto eu resisto às suas propensões em vão. O motivo é simples. Burke disse que “*em todos os corpos daqueles que liderariam devem também, em um considerável nível, seguir*” – Eu (Adrian) não posso seguir; pois não simpatizo com seus sonhos massacre e glória – seguir e liderar em tal carreira é a inclinação natural da mente de Raymond.²⁴

Todo a retórica libertadora de Lord Raymond logo se transforma em massacre e insaciável busca por glória. A literata descreve no livro uma mítica da guerra, do grande líder

²² SHELLEY, Mary Wollstonecraft. *O último homem*, op. cit., p. 175.

²³ *Ibidem* p. 175.

²⁴ *Ibidem* p. 177.

capacitado a convencer seus soldados. Lionel Verney é uma das vítimas dos terríveis impulsos gerados pela guerra, ao final de sua primeira batalha descreve suas sensações: “Durante o tomado dia, minha mente tornara-se uma escrava propensa ao estado das coisas que se apresentava a ela pelos seus semelhantes; a associação histórica, o ódio pelo inimigo e o entusiasmo militar havia me dominado”²⁵. Lionel Verney, ao olhar para o pós campo de batalha com os corpos empilhados e destroçados, acorda do impulso que o consumia anteriormente e afirma: “Agora, olhava a estrela vespertina, que suave e calmamente erguia-se balançando nos tons laranja do pôr-do-sol. Virei-me para a terra coalhada de cadáveres; e senti vergonha da minha espécie”²⁶. Desde esse momento, Lionel Verney inclinasse para a concepção de Adrian que representa a repulsa a qualquer guerra.

Com a meteórica expansão do exército de Lord Raymond sobre os turcos, ocorre sua ruína e morte. A narrativa do romance sugere que o que ele buscava estava muito além do sonho de liberdade do povo grego. Seu desejo era, na verdade, a conquista de Constantinopla, capital do Império Otomano. Contudo, o exército revolucionário não compreende tal desejo e abandona o comandante. Por fim, Lord Raymond decide invadir sozinho Constantinopla, mas encontra a cidade em ruínas. Uma peste havia se espalhado por todo o Oriente e dizimado a população da cidade. O comandante, ao chegar a uma cidade destruída pelas chamas, falece e a causa da morte não é revelada no livro *O Último Homem*. Com a morte de Lord Raymond, sua esposa Perdita comete suicídio e a partir de seu próprio pedido é enterrado junto ao marido na Grécia.

A longa jornada revolucionária e imperialista de Lord Raymond funciona como uma virada da narrativa do livro *O Último Homem*, já que, a partir desse momento, Adrian e Lionel Verney não defenderiam mais nenhuma guerra. Simbolicamente, a entrada em Constantinopla significava a inserção da epidemia que mudaria completamente a história da humanidade, que faria justiça ao nome *O Último Homem* e daria sentido ao fato de Lionel Verney ser o narrador da humanidade caída. Em 2092, os personagens remanescentes Lionel Verney, Adrian, Idris, Clara²⁷ e Alfred²⁸, buscam retomar a normalidade da vida, mas o avanço da peste pela Europa Ocidental gera tensões impossíveis de serem ignoradas. O primeiro país a sucumbir a epidemia é a recém liberta Grécia e, posteriormente, grandes potencias internacionais como a Itália e a França. Para Lionel Verney o impacto causado pela peste no cenário global é catastrófico, intrigantemente, ele relaciona as consequências da peste com as de uma revolução política.

²⁵ SHELLEY, Mary Wollstonecraft. *O último homem*, op. cit, p. 196.

²⁶ *Ibidem* p. 196.

²⁷ Clara era a cuidadosa e destemida filha de Lord Raymond e Perdita.

²⁸ Alfred era o filho mais velho de Lionel Verney e Idris.

Mary Shelley dá ênfase a um fato que marcou sua infância e adolescência, a constante chegada de imigrantes empobrecidos na Inglaterra em meio à Revolução Francesa. Como narra Lionel Verney a calamidade adentra pela Inglaterra:

Era impossível ver essas multidões de criaturas deploráveis (imigrantes) e necessitadas, há pouco lactentes do luxo, e não estender a mão para salvá-las. Como no final do século dezoito, os ingleses abriram seu depósito hospitaleiro, para o alívio daqueles impelidos de suas casas pela revolução política; portanto agora eles não recuaram em oferecer ajuda às vítimas de uma calamidade mais extensa.²⁹

Lionel Verney descrevendo as consequências das revoluções políticas como calamidades, aponta para uma possível inclinação política de Mary Shelley. A escritora, na obra *O Último Homem*, não estabelece nenhuma crítica conceitual ao ideal libertário grego, mas se recusa a representar romanticamente o processo revolucionário. A literata compara a revolução em seu âmbito conceitual com o prático, ela enfatiza angustiadamente os indivíduos que perderam suas casas, riquezas e pátrias, em meio a um violento processo histórico. Nessa situação o cenário se torna mais complicado, ainda em 2092 a peste chega a Inglaterra e o cenário se torna de desespero.

O protetor inglês Ryland sucumbe ao terror dessa nova ameaça e comenta a Adrian: “A Peste. – “Onde?” – “Em todo lugar – devemos fugir – todos nós – mas para onde? Ninguém pode dizer – não há um refúgio na terra, ela chega a nós como mil alcateias”³⁰. Mary Shelley constrói uma peste indestrutível e assombrosa. Na narrativa, a ordem e os costumes sucumbem com o aumento das mortes na Inglaterra, o que leva o Protetor Ryland a abandonar o seu cargo. Nesse momento, a República Inglesa, carecendo de um grande líder, encontra em Adrian seu representante. O ex-príncipe clamava o seu dever de liderar a Inglaterra que ruía:

Este é meu cargo; nasci para isso – para governar a Inglaterra em anarquia, para salvá-la do perigo – para dedicar-me a ela. O sangue de meus antepassados grita alto em minhas veias e impele-me a ser o primeiro entre meus compatriotas.³¹

Adrian assume sua herança ao poder e coordena a Inglaterra diante de um inimigo incontrolável. Os infortúnios causados pela epidemia não puderam ser parados e, a cada dia que transcorria, a população inglesa decaía. Lionel Verney narra o esfacelamento das estruturas sociais:

Havia apenas um bem e um mal no mundo – vida e morte. A pompa de classe, a pressuposição de poder, as posses da riqueza esvaíam-se como

²⁹ SHELLEY, Mary Wollstonecraft. *O último homem*, op. cit, p.254.

³⁰ *Ibidem* p. 261.

³¹ *Ibidem* p. 274.

a névoa da manhã. Um mendigo vivo havia se tornado de mais valia do que um colega nacional dos Lordes mortos – ah, o dia! – do que heróis mortos, patriotas ou gênios. Havia muita degradação nisso: pois mesmo vício e virtude haviam perdido seus atributos – vida – vida – a continuação do nosso mecanismo animal – eram o Alfa e o Ômega dos desejos, das rezas, da prostrada ambição da raça humana.³²

Segundo Lionel Verney, as estruturas de classe, as distinções entre nobres e pobres, tudo havia sido relegado ao passado. Em 2096, a Inglaterra havia se reduzido a poucos sobreviventes e o volume II acaba com a tomada de uma difícil decisão por partes dos ingleses: decidia-se que era momento de abandonar a terra natal, decretando o túmulo da amada Inglaterra. Os poucos habitantes decidem pela busca por um local de clima idílico e partem rumo a Suíça.

O volume III é certamente a mais trágica das histórias que compõem o romance *O Último Homem*. Ela é a finalização da narrativa do último homem, Lionel Verney. A estética literária se torna mais aterrorizadora, a peste rapidamente se alastra pelo globo deixando apenas um pequeno grupo de sobreviventes liderados por Adrian. Duas mortes causam grande impacto em Lionel Verney, a de seu filho Alfred e de sua esposa Idris, nenhum dos dois chegou a sair da Inglaterra. Logo após essas mortes, os ingleses remanescentes se reúnem na França e quando Adrian mais esperava harmonia e compaixão entre os últimos remanescentes da humanidade, os conflitos políticos ressurgiram e construíram novas divisões de facções. Os grupos opostos a Adrian eram comandados por um profeta religioso, que Lionel Verney chamava de mentiroso e aproveitador de mentes fracas. Esse Fanático tinha como doutrina que “aqueles que acreditavam e seguiam-no, eram os remanescentes a serem salvos, enquanto todo o resto da humanidade estava condenado à morte”³³. Para o profeta, esse era o momento do juízo final, onde todos deveriam se converter ou morrerem na perdição.

Em pouco tempo, a farsa do profeta é revelada e os membros da seita retornam arrependidos para o pequeno grupo de Adrian. O escasso grupo decide continuar sua jornada rumo a Suíça, mas apenas três sobreviventes concluíram a jornada: Lionel Verney, Adrian e Clara. A solidão dos últimos representantes da humanidade os levam a decidir por uma vida migrante e a primeira parada seria o túmulo dos pais de Clara na Grécia. Ironicamente, esses três sobreviventes da maior catástrofe terrena sofrem com um naufrágio na travessia para a Grécia, levando a morte de Adrian e Clara. Assim sendo, Lionel Verney honra o título da obra e se torna literalmente o último homem. Para a posteridade, ele deixa um manuscrito sobre o fim da humanidade em Roma. Ironicamente, Lionel Verney deixa seus escritos no “berço” do

³² SHELLEY, Mary Wollstonecraft. *O último homem*, *op cit*, pp. 312-313.

³³ *Ibidem* p. 430.

humanismo europeu e “naquele dia, subi (Lionel Verney) São Pedro (Basílica) e gravei em sua pedra mais saliente o ano de 2100, o último ano do mundo!”³⁴. A narrativa se encerra com um solitário andarilho pelo mundo, não se sabe se Lionel Verney futuramente encontrará algum companheiro, nos resta apenas que o porvir é completamente desconhecido.

Em linhas gerais essa é a narrativa e algumas das problemáticas do livro *O Último Homem*, que intrigantemente conta a história do fim da humanidade. Porém, essa não é apenas a história do último homem da terra, mas um conjunto de reflexões políticas, filosóficas, sociais, religiosas e de gênero. O que se segue no Capítulo IV é a apresentação e comentários de algumas perspectivas de análise da obra *O Último Homem*, buscando compreender como diferentes autores pesaram o revolucionarismo e a radicalidade dentro do livro.

³⁴ SHELLEY, Mary Wollstonecraft. O último homem, op. cit, p. 492.

Capítulo IV: "O último homem": três olhares

4.1 *O Último Homem*, em divergência

Investigando as pesquisas acadêmicas que analisaram obras de Mary Shelley, podemos constatar que os trabalhos da literata há muito vêm sendo estudados por diferentes áreas do conhecimento, entre elas a teoria literária, a história, a psicologia, a filosofia e até mesmo a geografia. Dentre as obras da escritora, o livro *Frankenstein: ou o Prometeu Moderno*¹ é o mais estudado², lido principalmente como uma crítica à sociedade e à ciência moderna³. Porém, mesmo com essa concentração de pesquisas sobre *Frankenstein*, obras como *Mathilda* (1820), *Valperga* (1823), *O Último Homem* (1826) e *Falkner* (1837) conquistaram, a partir da década de 1970, maior espaço entre os estudiosos da literata. Tais estudos podem ser classificados em alguns núcleos temáticos: as críticas sobre a sociedade e a ciência moderna⁴; a luta pela liberdade e igualdade entre homens e mulheres; a crítica feminista⁵; os debates sobre república⁶ e sobre os processos revolucionários políticos e o imperialismo da era Napoleão Bonaparte⁷; os embates entre a Europa Ocidental e a Oriental, o liberalismo e a democracia. Essa amplitude de temas mobilizados por estudiosos gerou inúmeras conclusões controversas sobre as perspectivas políticas, sociais e econômicas de Mary Shelley. Nesse capítulo temos o intuito de

¹ *Frankenstein* é sua obra mais famosa, no século XIX ela ganha adaptações para o teatro, nos séculos XX e XXI recebeu crédito em 44 filmes. Obra que trabalha uma crítica a “nova ciência” moderna, além de refletir a relação entre humanidade e natureza na modernidade. Ver: SCHOR, Esther. Introduction. In: *The Cambridge Companion to Mary Shelley*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

² Tal afirmação foi feita através de um levantamento bibliográfico em portais internacionais como o JSTOR, *Frankenstein* é a obra mais analisada, com livros inteiros destinados à sua análise.

³ Alguns livros que analisaram *Frankenstein* são: LEVINE, George Lewis e KNOEPFLMACHER, U. C.. *The Endurance of Frankenstein: Essays on Mary Shelley's Novel*. Berkeley: University of California Press, 1979.; e SMITH, Andrew. *The Cambridge Companion to Frankenstein*. Cambridge. Cambridge University Press, 2016.

⁴ Sobre uma crítica a ciência moderna na obra *Frankenstein*. Ver: MELLOR, Anne k.. Making a “monster”: an introduction to *Frankenstein*. In: *The Cambridge Companion to Mary Shelley*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

⁵ Sobre a luta pela igualdade entre homens e mulheres na obra *Frankenstein e O Último Homem*. Ver: HOEVELER, Diane Long. *Frankenstein, feminism, and literary theory*. In: *The Cambridge Companion to Mary Shelley*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. e DE LA ROCQUE, L. R. . *Autobiography and Feminist Criticism in Mary Shelley's The Last Man*. Open to Discussion, Rio de Janeiro, v. 11, 2001.

⁶ Sobre o republicanismo dentro das obras *Valperga*. Ver: CURRAN, Stuart. *Valperga*. In: *The Cambridge Companion to Mary Shelley*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

⁷ Sobre os processos revolucionários políticos e o imperialismo da era Napoleão Bonaparte em *O Último Homem*. Ver: STERRENBURG, Lee. *The Last Man: Anatomy of Failed Revolutions*. In: *Nineteenth-Century Fiction*, Vol. 33, No. 3 (Dec., 1978). e LOKKE, Kari E.. *The Last Man*. In: *The Cambridge Companion to Mary Shelley*. Cambridge: Cambridge University Press 2003.

apresentar algumas dessas concepções sobre o livro *O Último Homem*, atentando-nos para a compreensão do elemento revolucionário nessa obra da escritora.

É quase um consenso que as obras de Mary Shelley são construídas, entre outras coisas, com base em longos estudos sobre história, política, economia e filosofia. Partindo dessa ideia, o objetivo nesse capítulo é compreender como diferentes estudiosos lidaram com os elementos do romantismo e com o tema da revolução na obra *O Último Homem*. Levo em consideração que diferentes abordagens, metodologias e recortes construíram amplos resultados e conclusões sobre o livro, esse capítulo é um aprofundamento em concepções que são até mesmo contraditórias.

4.2 *O Último Homem*, uma crítica à violência revolucionária e imperialista

Um dos primeiros estudos feitos sobre a obra *O Último Homem* foi escrito por Lee Sterrenburg, ano de 1978 e se intitula *The Last Man Anatomy of Failed Revolutions*⁸. Sendo ainda uma referência nos estudos do livro *O Último Homem*, L. Sterrenburg tem como objetivo central discutir como a Revolução Francesa influenciou diretamente a escrita de Mary Shelley, colocando-a em debate com as ideias de Mary Wollstonecraft e Edmund Burke. O escritor deseja compreender como a literata se posicionou sobre o processo revolucionário francês e suas relações com o imperialismo de Napoleão Bonaparte.

O artigo de L. Sterrenburg ajuda na compreensão da relação entre Mary Shelley e a Revolução, uma vez que o estudioso argumenta que a literata elabora em sua obra um estudo “anatômico” dos processos revolucionários. Sterrenburg conclui que ela compreendeu esses processos negativamente, uma vez que enfatizou as consequências da guerra revolucionária. Nesse sentido, L. Sterrenburg concluirá que a literata se afastou do romantismo inglês revolucionário, rompendo com os ideais românticos da geração de seus pais, de Lord Byron e de seu marido, Percy Shelley.

Sterrenburg inicia sua discussão sobre *O Último Homem* buscando compreender o que uma narrativa catastrófica poderia revelar sobre o próprio contexto histórico em que a obra fora escrita. O escritor questiona se o tema “do fim da raça humana” estava em evidência no período de produção de *O Último Homem*, ou era um elemento destoante dos outros romances daquele momento histórico. Ao olhar para literatura europeia – especialmente a inglesa – do início do século XIX, o autor constata que:

⁸ STERRENBURG, Lee. *The Last Man: Anatomy of Failed Revolutions*, *op cit.*

The theme of the end of the human race appeared in such works as Lord Byron's poem "Darkness" (1816), Thomas Campbell's poem "The Last Man" (1823), Thomas Lovell Beddoes's fragmentary play *The Last Man* (1823-25), and Thomas Hood's poem "The Last Man" (1826).⁹

Dentre esses trabalhos estava o poema *Darkness* (1816), de Lord Byron, que possivelmente era conhecido por Mary Shelley, segundo L. Sterrenburg. O levantamento feito pelo estudioso tenta evidenciar que o título “O Último Homem” estava sendo usado com certa frequência na produção artística da época, o que para L. Sterrenburg indicava uma sensação de declínio civilizacional posterior a queda de Napoleão Bonaparte (1815)¹⁰. O pesquisador concluiu que o imperialismo napoleônico abalou toda a estrutura política europeia, o que conseqüentemente influenciou a política e a arte, surgindo muitas obras com temas apocalípticos de fim de mundo¹¹.

L. Sterrenburg define que o elemento pestilento e apocalíptico de *O Último Homem* era uma “metáfora das guerras revolucionárias”, uma representação catastrófica do conturbado e violento contexto histórico de Mary Shelley. Para o pesquisador, essa relação entre revolução e peste foi uma característica da filosofia política entre os anos de queda da Bastilha (1789) até as revoluções de 1830, concepção advinda do campo filosófico iluminista que propunha pensar a história dentro de um ciclo natural¹². Essa filosofia propunha pensar as sociedades humanas como saudáveis ou adoecidas, incorporando assim uma linguagem relacionada a doença, peste e epidemia, dentro do debate político.

Com a incorporação dessa linguagem de naturalização da história, a Revolução também foi pensada nesses termos. Para L. Sterrenburg, a produção artística europeia desse período incorporou esse tema de três formas distintas: a primeira era sustentada pela filosofia de Jean Jacques Rousseau, sendo adotada principalmente pelos revolucionários franceses. Estes acreditavam que a revolução era um processo natural e, por isso, ela seria imprescindível. Ou seja, um movimento natural realizado por sociedades humanas que estavam adoecidas e precisavam se reestabelecer. A segunda concepção, romântica, acreditava no fracasso da

⁹ “O tema do fim da raça humana apareceu em muitos trabalhos como o poema “Escuridão” (1816) de Lorde Byron, o poema “O Último Homem” (1823) de Thomas Campbell, a peça fragmentada de Thomas Lovell Beddoes “O Último Homem” (1823-25), e o poema de Thomas Hood “O último Homem” (1826)”. Ver: STERRENBURG, *op cit*, pp. 326-327.

¹⁰ *Ibidem*, p. 326.

¹¹ Lee Sterrenburg constatou que a temática “queda do império” apareceu frequentemente em trabalhos artísticos da década de 1820, como os poemas de Alfres Tennyson’s “Lamentations of the Peruvians” (1827), “Babylon” (1827) e “Timbuc too” (1829); também nas pinturas de John Martin: “The Fall of Babylon” (1819) e “The Fall of Neneveh” (1828). Ver: *Ibidem*, p. 327.

¹² STERRENBURG, *op cit*, pp. 324-325.

Revolução Francesa¹³ e era compartilhada por escritores que confiaram no processo revolucionário, mas se frustraram com o período da guilhotina (1793) e a posterior ascensão de Napoleão Bonaparte. Esses escritores, após a decepção, acabaram por abandonar os escritos políticos, construindo trabalhos literários que valorizavam um encantamento com a natureza. E por fim, uma perspectiva também chamada de romântica, a qual Mary Shelley se incorporava e que era completamente avessa ao processo revolucionário, agora relacionado com a ideia de colapso das civilizações e impérios. Nessa concepção, o caminho da história rumava à sua auto destruição¹⁴. A tese de L. Sterrenburg é de que Mary Shelley era cética em relação aos processos revolucionários, um pessimismo estruturado com muito estudo sobre filosofia política, história e literatura¹⁵.

L. Sterrenburg demonstra um olhar aguçado para o lado estudioso de Mary Shelley, isso explica o nome do artigo *The Last Man Anatomy of Failed Revolutions*¹⁶, ele literalmente classifica as descrições políticas da literata como “cirúrgicas e anatômicas”, sempre com o intuito de demonstrar como as revoluções de seu tempo fracassaram. Ele enfatiza: “In part, the novel is an anatomy or encyclopedic survey of a number of political positions, including utopianism, Bonapartism, and revolutionary enthusiasms of various kinds”¹⁷. O romance seria uma anatomia do corpo revolucionário. Para Lee Sterrenburg, essa anatomia foi realizada para inserir *O Último Homem* em um debate existente sobre Revolução construído por Mary Wollstonecraft, Edmund Burke, William Godwin, Lord Byron, Percy Shelley, dentre outros. Com isso, Mary Shelley não buscava apenas demonstrar o pensamento de seus companheiros intelectuais, mas construir uma reflexão autoral, que romperia com as perspectivas de seus antecessores.

O ponto central do artigo *The Last Man Anatomy of Failed Revolutions* está na relação entre o livro *O Último Homem* e o debate romântico sobre revolução e natureza, especialmente construído pela primeira geração do romantismo inglês durante a década de 1790. L. Sterrenburg argumenta que, no debate intelectual contemporâneo à Revolução Francesa, a concepção de sociedade, política e natureza são colocadas em diálogo, ou seja, isso significa que pensar sociedade e política é incorporar a ideia natural e literal de corpo social,

¹³ Sobre os românticos que se frustram com o percurso da Revolução Francesa, Lee Sterrenburg possui uma concepção que se aproxima E. P. Thompson, acredita no desencantamento da geração do inglês William Wordsworth e do alemão Friedrich Hölderlin. Ver: STERRENBURG, *op cit*, p. 325.

¹⁴ *Ibidem* pp. 324-326.

¹⁵ *Ibidem* p. 328.

¹⁶ Tradução: O Último Homem: Anatomia das Revoluções Fracassadas.

¹⁷ *Ibidem* p. 328.

transformado a análise do cenário político em um elemento vivo em que a sociedade pode estar saudável ou adoecida, rumo ao progresso ou a decadência. Nesse sentido, Sterrenburg aponta que parte dos escritores políticos da época da Revolução Francesa dialogaram com a ideia de corpo social, debatiam o revolucionarismo defendendo como a salvação ou a ruína do corpo social¹⁸.

O que L. Sterrenburg demonstra é o quanto a ideia de “corpo social” foi utilizada em diferentes perspectivas. Na obra *An Historical and Moral View of the French Revolution* (1794)¹⁹, de M. Wollstonecraft, o adoecimento da sociedade é anterior ao processo revolucionário, ou seja, a revolução não é a doença em si, mas uma dolorosa “febre” capaz de restaurar um ambiente socialmente saudável. Segundo ele, Wollstonecraft utilizou em sua linguagem as palavras “cure, healthy, invigorated, regeneration”²⁰, que indicavam uma concepção de sobrevida e restauração que a revolução poderia acarretar²¹. Para Mary Wollstonecraft, a sobrevida significaria o fim do Antigo Régime francês dinástico e absolutista, a consolidação do igualitarismo e a destituição dos privilégios de nobreza.

Em oposição a M. Wollstonecraft, L. Sterrenburg demonstra a concepção de Edmund Burke sobre o adoecimento do corpo social. Burke era membro do partido liberal inglês *Whig* e compreendia o processo revolucionário francês como a própria doença e não uma “febre” restauradora. Dessa forma, a revolução deveria ser evitada a qualquer custo. Para Burke a Revolução Francesa era fruto de uma violência descontrolada e um turbilhão político que se distanciava do modo inglês de se “fazer política”. Em *Reflections on the Revolution in France* de 1790, Burke exaltava os modos saudáveis e adequados da Revolução Gloriosa (1688) em comparação com a Revolução Francesa. A segunda foi considerada por ele como *Un-British*²², e por isso, deveria ser evitada e mantida a distância da Inglaterra²³.

L. Sterrenburg, mesmo colocando M. Wollstonecraft e E. Burke como contundentes debatedores, não os entende como opostos politicamente. O embate de ambos sobre a Revolução Francesa não os opôs, ao final, no que dizia respeito à Revolução Gloriosa (1688), visto que ambos convergiam na ideia de que o modo revolucionário inglês foi “saudável” e com um resultado constitucional, responsável por inaugurar uma nova época da história inglesa²⁴.

¹⁸ STERRENBURG, *op cit*, p. 329.

¹⁹ Obra de filosofia política e história da Revolução Francesa.

²⁰ “cura, saudável, revigorada, regeneração”. Ver: *Ibidem* p. 330.

²¹ *Ibidem* p. 330.

²² A expressão “Un-British” é usada para representar qualquer característica que não pertence aos costumes, tradições ou hábitos britânicos.

²³ *Ibidem* p. 330-331.

²⁴ *Ibidem* p. 330-331.

Para Sterrenburg, Mary Shelley, ao escrever seu romance *O último homem*, teria incorporado, de maneira quase direta, esse debate que intersecta revolução, natureza e corpo social, presente nas discussões intelectuais inglesas sobre a Revolução Francesa na década de 1790. A autora, segundo Sterrenburg, teria feito isso com o intuito de construir outra perspectiva sobre os resultados dos processos revolucionários. Diferente da geração anterior, Mary Shelley produziu *O Último Homem* em novo contexto histórico, ciente da conclusão da Revolução Francesa. Para o pesquisador, a resposta de Mary Shelley a seus companheiros é um completo rompimento, já que para ela o processo revolucionário não era nem uma febre restauradora e nem uma doença que a sociedade era capaz de superar. Pelo contrário, as Revoluções eram agora entendidas como o caminho certo para o fracasso e extinção da humanidade. Contrariando a geração de 1790, *O Último Homem* não apresenta uma peste metafórica, pelo contrário:

a real plague that cannot be censured or quarantined or fought or stopped. No political remedies whatsoever will avail against it, nor will society survive in the face of its ravages. Mary Shelley copes with the problem of revolution by cancelling out history itself.²⁵

Com isso, L. Sterrenburg define que *O Último Homem* lida com política porque retoma toda uma tradição filosófica anterior, mas a conclusão do romance é antipolítica pois cancela a própria história e as teorias utópicas de restauração social. O pesquisador aponta que os personagens da obra almejam soluções reformistas e revolucionárias, mas esses esforços se mostram um fracasso diante do apocalipse construído em *O Último Homem*. Ou seja, esse seria um mundo antipolítica²⁶. Assim sendo, L. Sterrenburg apresenta um rompimento radical de Mary Shelley com a geração intelectual de 1790 devido ao fato do corpo social jamais se recuperar na obra *O Último Homem*.

Definindo o afastamento de Mary Shelley das concepções de revolução de E. Burke e M. Wollstonecraft, L. Sterrenburg revela uma aproximação do livro *O Último Homem* com a obra *St. Leon* (1799), de William Godwin. Para o pesquisador, W. Godwin se aproximou do gótico em *St. Leon*, que Sterrenburg define, segundo Peter Brooks, como um afastamento do racionalismo. Nesse caso, um distanciamento da racionalização das revoluções enquanto um ciclo da história – racionalidade adotada por M. Wollstonecraft e E. Burke²⁷. L. Sterrenburg define que a conclusão do livro *St. Leon* é que “the powers of philosophy cannot alter social

²⁵ “uma peste real que não podia ser censurada ou posta em quarentena ou combatida ou parada. Nenhum remédio político será útil contra isto, nem a sociedade sobreviverá diante de sua devastação. Mary Shelley lida com o problema da revolução cancelando a própria história”. Ver: *STERRENBURG, op cit*, p. 331.

²⁶ *Ibidem*, p. 328.

²⁷ *Ibidem* p. 336.

reality”²⁸, ou seja, uma visão cética quanto a capacidade humana de pensar soluções válidas as problemáticas sociais. Para o pesquisador, a obra *O Último Homem* se inspira nesse ceticismo de *St. Leon* e o mundo seria incapaz de se transformar.

Por fim, Sterrenburg relaciona a obra *O Último Homem* com a produção artística da segunda geração do romantismo inglês, composta por Percy Shelley e Lord Byron. Segundo o pesquisador, o marido de Mary Shelley pensou os processos revolucionários em duas obras, ambas versando sobre a Revolução Grega: os poemas *Revolt of Islam* (1818) e *Hellas*²⁹ (1822), ambas representando um cenário caracterizado pelo despotismo, pela guerra civil, fome e peste. Em *Hellas*, de acordo com L. Sterrenburg, o poeta ecoava “the meliorative traditions of the 1790's, Percy's poem suggests that the plagues of revolutionary war will eventually give way to a "brighter Hellas" of the future”³⁰. Sendo assim, Percy Shelley acreditava no poder transformador das revoluções, crendo que os revolucionários conseguiriam destronar os tiranos poderes da Santa Aliança. Demonstrando o perfil revolucionário de Percy Shelley, L. Sterrenburg concluiu que Mary Shelley também rompe com as concepções do marido, alegando que ela acabou por se afastar de seu utopismo :

For Mary, all revolutionary experiments breed monsters. The monster like holocaust that descends upon the Greek revolution in *The Last Man* is a graphic fictional rebuttal of Percy's political views. In *The Last Man*, Mary Shelley goes out of her way to demonstrate that Percy had been too idealistic about the Greek revolution before he died in July of 1822.³¹

Com essa postura cética, Mary Shelley teria se afastado de qualquer concepção utópica de revolução. L. Sterrenburg aponta que a literata não acreditava no utopismo de Percy Shelley de que uma “nova raça” surgiria com a Revolução Grega, uma heroica e libertadora raça. Ao contrário, o pesquisador aponta que a relação da literata com a Revolução Grega foi de espanto com a violência de guerra, com a desembocada imperialista do processo revolucionário. Os personagens Adrian, Lionel Verney e Perdita de *O Último Homem* desenvolvem uma aversão ao que representou a luta revolucionária na prática³², outros como Raymond enaltecem a

²⁸ STERRENBURG, *op cit*, p. 337.

²⁹ *Hellas* é um antigo nome utilizado para se referir a Grécia.

³⁰ “as tradições melhorativas da década de 1790, o poema de Percy sugere que as pragas da guerra revolucionária acabarão por dar lugar a uma "Hellas mais brilhante" do futuro.” Ver: *Ibidem*, p. 344.

³¹ “Para Mary, todos os experimentos revolucionários criavam monstros. O holocausto monstruoso que descende da revolução grega em *O Último Homem* é uma refutação ficcional das visões políticas de Percy. Em *O Último Homem*, Mary Shelley se esforça para demonstrar que Percy tinha sido muito idealista sobre a revolução grega antes de morrer em julho de 1822”. Ver: *Ibidem* p. 345.

³² Tais acreditavam no direito de libertação dos gregos do Império Otomano, mas eram avessos ao a guerra revolucionária causava na prática.

Revolução Grega partindo de sentimentos egocêntricos, que causaram sua própria ruína e do mundo. Para o pesquisador, esses são argumentos centrais na sustentação do ceticismo de Mary Shelley.

Por fim, L. Sterrenburg constatou também um afastamento de Mary Shelley com escritor Lord Byron. O poeta é uma das grandes personalidades revolucionárias mitificadas da segunda geração do romantismo inglês. Byron ficou famoso por acreditar nos ideais da Revolução Grega e por ter se mudando em 1824 para a Grécia, onde se tornou um soldado revolucionário e, posteriormente, faleceu no mesmo ano com fortíssimas febres. O poeta também criticava as guerras napoleônicas, mas acreditava fielmente nos impulsos libertadores da Revolução Grega. Para L. Sterrenburg, o distanciamento de *O Último Homem* com as concepções de Lord Byron se dá na crítica à guerra revolucionária, que para Mary Shelley seria um conflito que não levava à liberdade de um povo, mas à sua auto aniquilação³³.

L. Sterrenburg conclui, ao final, que Mary Shelley transformou a antiga metáfora da peste revolucionária em um fato literal, buscando, assim, contrariar as crenças políticas utópicas, reformadoras e restauradoras do corpo social. Mary Shelley, segundo Sterrenburg, teria rompido com as ideias formadas pela primeira geração do romantismo inglês da década de 1790 e, posteriormente, resgatado, com novas roupagens, os debates feitos pela segunda geração do romantismo inglês de Lord Byron e Percy Shelley. A literata, segundo Sterrenburg, demonstrou tal afastamento devido a um inconformismo com as atrocidades das guerras revolucionárias, em especial a violência da Revolução Grega e a desembocada imperialista que o romance assume em sua narrativa. O pesquisador considera a obra *O Último Homem* como produto de um longo estudo político feito pela autora. Sterrenburg rebate concepções reducionistas que colocam a narrativa catastrófica da obra como fruto de uma mente triste e que se pautam especialmente no fato de Mary Shelley escrever o livro logo após a perda de Percy Shelley e Lord Byron. Para L. Sterrenburg, a obra foi uma “historically significant anatomy of the revolutionary age”³⁴.

A abordagem de L. Sterrenburg estabelece um diálogo entre Mary Shelley e o pensamento político de seus contemporâneos. O pesquisador constrói um embate entre filosofia, literatura e história, que culmina em uma ideia de ceticismo da literata Mary Shelley. O próximo subitem desse capítulo incorpora a análise de Kari E. Lokke, que assim como

³³ STERRENBURG, *op cit*, p. 346.

³⁴ “anatomia historicamente significativa da era revolucionária”. Ver: *Ibidem* p. 347.

Sterrenburg pensa a peste como metáfora, dando outros significados a este trágico elemento da obra *O Último Homem*.

4.3 *O Último Homem*, uma crítica ao imperialismo e à civilização ocidental

O artigo intitulado *The Last Man*, de Kari E. Lokke, foi escrito em 2003 e se trata de uma recente análise sobre a obra *O Último Homem*, de Mary Shelley³⁵. Kari E. Lokke metodologicamente constrói seus trabalhos através da interdisciplinaridade entre filosofia, teoria feminista e literatura³⁶. No artigo *The Last Man*, Kari E. Lokke tem como objetivo central a construção de um panorama das análises acadêmicas já realizadas sobre *O Último Homem*, para com isso se posicionar frente às temáticas presentes na obra: o processo revolucionário, o imperialismo, a república, a relação entre homens e mulheres e, por fim, os significados de Mary Shelley pensar um mundo apocalíptico.

Kari E. Lokke argumenta que *O Último Homem* é um livro que discute moralmente a possibilidade de transformar o mundo, contrariando as análises de L. Sterrenburg, que apontaram para uma Mary Shelley que acreditava na incapacidade de se reformar o mundo social e político. Lokke argumenta em seu estudo que o mundo apocalíptico da obra é, por sua vez, uma expressão trágica de uma sociedade politicamente problemática e que a peste não significava o fim literal das esperanças de mudança social. Para Lokke, Mary Shelley não considerava a narrativa de *O Último Homem* uma profecia, mas um método de transformação do mundo através da arte e da filosofia, que seriam os únicos meios de compreensão e transformação dos problemas mundanos³⁷.

Assim como L. Sterrenburg, Lokke opta por enunciar obras literárias pós Revolução Francesa que também continham narrativas apocalípticas. A pesquisadora constata que a primeira aparição de tais obras ocorreu com *Le Dernier Homme* (1805), do escritor francês Jean-Baptiste Cousin de Graninville, obra traduzida para o inglês como *The Last Man* (1806) Lokke não esclarece se a obra foi lida ou inspirou Mary Shelley, porém, enumera a existência de uma tendência literária do início do século XIX de ficções sobre o fim da humanidade.

Lokke aponta ainda que as inseguranças históricas geradas pela duradoura Revolução Francesa - entre elas o longo período de guerras, de queda de estados, o imperialismo

³⁵ LOKKE, *op cit.*

³⁶ UNIVERSITY OF CALIFORNIA IN DAVIS. Ucdaves, 2019. Ementa (Apresentação currículo Kari E. Lokke). Disponível em: <<https://complit.ucdavis.edu/people/kari-lokke>>. Acesso em: 08 de outubro de 2019.

³⁷ “Necessitava urgentemente de uma transformação psíquica coletiva”. Ver: LOKKE, *op cit.*, p. 133.

napoleônico - criou um ambiente artístico propício para expressões apocalípticas e para literaturas que construíssem a imagem de esfacelamento mundano. Nesse sentido, Mary Shelley, em consonância com parte de seus contemporâneos, entre eles Thomas Campbell e Jean B. C. Grainville, teria escrito uma resposta apocalíptica “to the horrors of the French Revolution, the subsequent carnage of the Napoleonic wars, and the metaphysical and cultural uncertainties attendant upon Romantic-era attacks on religious and political authority”³⁸. Nesse sentido, assim como L. Sterrenburg, Kari E. Lokke afasta Mary Shelley do romantismo revolucionário que acreditava na positividade da Revolução Francesa.

Para Lokke, o pessimismo de *O Último Homem* no que tange a guerra revolucionária estava pautado no rompimento com o humanismo ocidental, que para a pesquisadora seria uma corrente filosófica que acreditava que os homens eram o centro do universo e que as sociedades caminhavam sempre rumo ao progresso. Para Kari E. Lokke, a crítica ao humanismo ocidental se dá quando Mary Shelley insere a peste em sua narrativa e, com isso, a balança entre natureza e humanidade se inverteria. Ou seja, os homens se tornariam submissos à epidemia. A humanidade não seria mais o centro do universo e não controlaria as forças da natureza, pelo contrário, para a literata em *O Último Homem* a sociedade se mostrava adocida em meio à guerras e revoluções, enquanto a natureza manteria saudavelmente seu funcionamento³⁹.

Segundo Kari E. Lokke, essa problematização do humanismo ocidental agiu diretamente na construção da concepção revolucionária de Mary Shelley, em dois pontos: primeiro a revolução deixa de ser um elemento natural, ou seja, se torna um constructo humano das sociedades; segundo, como os homens não são mais o centro do universo e da racionalidade, eles estão sujeitos a sua auto aniquilação. Com isso, Kari E. Lokke constata outro ponto: sustenta que a obra *O Último Homem* agiu como crítica à modernidade política e revolucionária, pois questionava a ideia de que a humanidade seguia sempre o caminho de seu aprimoramento, a revolução não seria vista como parte desse progresso⁴⁰.

Outro ponto interessante na comparação entre os estudos é que o artigo de Kari E. Lokke olha mais detalhadamente para a influência da Revolução Grega em *O Último Homem* do que o de L. Sterrenburg. Ao fazer isso, Lokke traça um paralelo entre os resquícios da Revolução Francesa – em especial o imperialismo napoleônico - com a posteridade das lutas dos

³⁸ “aos horrores da Revolução Francesa, à subsequente carnificina das guerras napoleônicas e às incertezas metafísicas e culturais decorrentes dos ataques da era romântica à autoridade política e religiosa” Ver: LOKKE, *op cit*, p. 116.

³⁹ *Ibidem* p. 116.

⁴⁰ *Ibidem* p. 117.

revolucionários gregos. Para a pesquisadora, ao contrário de L. Sterrenburg acredita, Mary Shelley mobilizou vários temas que estabeleceram um diálogo com políticas que tangenciavam a ideia de revolução, dentre elas: o sonho de uma perfeição republicana, chamada de idealismo por Percy Shelley, o “titanismo” de Lord Byron, que exaltava a causa revolucionária grega principalmente através da figura do herói revolucionário; o naturalismo de William Wordsworth, que opunha a beleza da natureza às atrocidades cometidas pela humanidade; e por fim, “the progressive political commitments of her parents, Mary Wollstonecraft and William Godwin”⁴¹. Kari E. Lokke dialogando com essas concepções políticas e artísticas, relaciona a narrativa de guerra revolucionária em *O Último Homem* com os seguintes temas: o imperialismo ocidental, a lógica civilizatória ocidental e o conflito religioso entre cristãos e islâmicos. Esses temas serão aqui mobilizados com o intuito de apresentar o que Kari E. Lokke compreende da relação entre *O Último Homem* e revolução, um diálogo estabelecido com o próprio contexto histórico da literatura. Diferentemente de L. Sterrenburg, Kari E. Lokke constrói uma análise que transcende uma possível metáfora negativa da peste.

A crítica ao imperialismo ocidental, segundo Lokke, é representada por Mary Shelley especialmente na trajetória do personagem Lord Raymond. No começo da obra *O Último Homem* o ambiente é harmonioso e de amizade entre Lionel Verney, Lord Raymond, Idris e Adrian, até que ocorre uma reviravolta quando Lord Raymond entra para o mundo da política e da guerra. Lord Raymond rapidamente é consumido por incontáveis impulsos por poder, construindo uma trajetória de morte e de destruição no comando do exército revolucionário grego⁴². A ascensão política de Lord Raymond é comparável à de Napoleão Bonaparte, segundo Lokke. Raymond, para a pesquisadora, inicia uma jornada imperialista contra o Império Otomano. Lord Raymond sonhava em conquistar toda a Ásia, admitindo que era completamente subjugado de suas paixões e impulsos tiranos de conquistador imperialista⁴³. Segundo Kari E. Lokke, Mary Shelley constrói, através de Lord Raymond, uma crítica ao processo revolucionário no que diz respeito aos elementos imperialistas contidos na obra *O Último Homem*. A literatura, segundo Lokke, teria demonstrado esse fracasso descrevendo as fortes violências de guerra, demonstrando como o inimigo na batalha se tornava desumanizado e, por fim, apontava para o fato da luta pela liberdade do povo grego ser substituída por impulsos imperiais de poder e expansão territorial.

⁴¹ “os compromissos políticos progressistas de seus pais, Mary Wollstonecraft e William Godwin”. Ver: LOKKE, *op cit*, p. 117.

⁴² *Ibidem* p. 119.

⁴³ *Ibidem* p. 120.

Segundo Lokke, Mary Shelley demonstra em sua obra que a relação entre gregos e turcos se inseria em um conflito religioso, uma batalha entre a Grécia cristã ortodoxa e o islamismo dos turcos⁴⁴. O impulso imperialista de Lord Raymond funcionava a partir de uma lógica ocidental cristã, que inferioriza o inimigo islâmico. Os turcos são no romance são descritos como bárbaros enquanto Lord Raymond se coloca como libertador. Raymond utiliza de uma lógica civilizatória ocidental que acreditava que a Grécia era o berço da civilização e da liberdade. Sobre a crença civilizatória de Lord Raymond, Kari E. Lokke cita o discurso do comandante antes de invadir Constantinopla⁴⁵:

for many hundred years had been the strong hold of the Moslems (Constantinople), should be rescued from slavery and barbarism, and restored to a people illustrious for genius, civilization, and a spirit of liberty⁴⁶.

O avanço civilizatório rumo ao oriente fracassa e leva à morte de Lord Raymond. O comandante é então abandonado por seu exército que se recusa a adentrar em Constantinopla⁴⁷. Kari E. Lokke constata que a crítica de Mary Shelley ao ideal civilizatório é representada pela morte solitária de Lord Raymond. Raymond se encontra em uma Constantinopla devastada pela epidemia e, assim que o portão da cidade se abre, a peste simbolicamente se espalha pela Europa Ocidental. Os gregos que tanto lutaram por sua liberdade, vistos simbolicamente como um dos fundadores do pensamento ocidental e da democracia, são os primeiros no Ocidente a morrerem adoecidos.

A crítica ao ideal civilizatório ocidental e a jornada imperialista na obra *O Último Homem*, para Kari E. Lokke, tem como objetivo provocar uma reflexão moral sobre a violência do processo revolucionário. Para a pesquisadora, o personagem Adrian representa o elemento da obra que questiona o imperialismo de Lord Raymond. Apesar de Adrian ser a favor da Revolução Grega e de seus ideais de liberdade, os massacres da guerra o levam a questionar a legitimidade da mesma. Com Adrian, segundo Lokke, Mary Shelley demonstra que: “the civilizing nature of Raymond’s mission, conducted as it is by men with impulses equally as

⁴⁴ Um maior aprofundamento do conflito nacionalista e religioso ortodoxo na história da Grécia pode ser encontrado no artigo *Orthodoxy and Nationalism in the Greek Case*, do historiador grego George Th. Mavrogordatos. Ver: MAVROGORDATOS, George. *Orthodoxy and nationalism in the Greek case*. In: *West European Politics*, 2003. p. 117-136.

⁴⁵ Constantinopla era a capital do Império Otomano.

⁴⁶ “por muitos centenas de anos tem sido fortemente guardada pelos Muçumanos, deveria ser resgatada da escravidão e barbarismo, e restaurada a um povo ilustre pela genialidade, civilização, e o espírito de liberdade”. Ver: LOKKE, *op cit*, p. 122.

⁴⁷ Havia boatos da existência de uma epidemia/peste dentro dos muros da cidade.

barbaric as those attributed to the Turks”⁴⁸. Os relatos de Adrian versam sobre as famílias destruídas, os estupros e como, na prática, os turcos também eram feitos de carne e osso assim como os gregos, com isso, a literata problematiza o discurso de que os ocidentais estavam civilizando o oriente, pelo contrário, a investida de Raymond aparece como fruto do imperialismo ocidental. O argumento de Kari E. Lokke é que essas passagens da obra indicam o posicionamento de Mary Shelley sobre a questão revolucionária, a literata demonstrando a violência da guerra aponta para a necessidade de compaixão entre os homens, entre ocidente e oriente, e por isso, apresenta os discursos civilizacionais do ocidente como uma falácia sustentadora da expansão imperialista, a pesquisadora argumenta que Mary Shelley não acreditava na ideia de revolução como libertadora⁴⁹.

A percepção de Kari E. Lokke se aproxima de L. Sterrenburg no que tange a concepção cética de revolução da obra *O Último Homem*. A conclusão da pesquisadora é que, para Lionel Verney⁵⁰, e conseqüentemente para Mary Shelley, é “that pursuit of this war has alienated him from his “higher powers” and represents anything but human freedom”⁵¹. Uma convicção que estabeleceu que a humanidade causava sua própria destruição e tragédia. Além disso, outro elemento é inserido na narrativa: uma incontrolável peste que destrói toda humanidade. Tanto para Kari E. Lokke quanto para L. Sterrenburg, esse elemento aparentemente incontrolável é fundamental para a compreensão das posições políticas de Mary Shelley.

No livro *O Último Homem* a narrativa contempla elementos que transcendem os conflitos políticos, sociais e econômicos, no caso uma incontrolável epidemia que causa o fim da humanidade. Kari E. Lokke escreve o artigo *The Last Man* duas décadas após *The Last Man: Anatomy of Failed Revolutions* de L. Sterrenburg. A pesquisadora, em diálogo com um panorama maior de pesquisas sobre a obra, divide as análises acadêmicas sobre a peste em duas vertentes: a que olham para a peste como um constructo social, ou seja, como uma metáfora para a catástrofe sobre os problemas sociais apresentados na obra *O Último Homem*; e outra que compreendia a peste como metáfora de impulsos incontroláveis da própria natureza humana, como por exemplo, perspectivas que defendem que o imperialismo na obra se consolida como um elemento gerado por impulsos naturais humanos por poder e morte⁵².

⁴⁸ “a natureza civilizadora da missão de Raymond, conduzida por homens com impulsos tão igualmente bárbaros quanto aqueles atribuídos aos turcos”. Ver: LOKKE, *op cit*, p. 122.

⁴⁹ *Ibidem* p. 122.

⁵⁰ Lionel Verney é o narrador e personagem central de *O Último Homem*.

⁵¹ “que a busca dessa guerra o alienou de seus “altos poderes” e representou qualquer coisa menos a liberdade humana”. Ver: *Ibidem* p. 122.

⁵² *Ibidem* p. 126.

Para Lokke, a resposta para o que representou a peste na obra *O Último Homem* deve se pautar em investigações políticas, religiosas, estéticas e culturais, considerando que uma resposta conclusiva provavelmente não será alcançada. Segundo ela, pesquisador deve lidar com as contradições e ambivalências dentro da narrativa. Para a pesquisadora, respostas completamente niilistas⁵³, como por exemplo, que acreditam que Mary Shelley, com o apocalipse, recusa qualquer possibilidade de mudança social, são percepções incompletas, incoerentes e simplificadoras. Kari E. Lokke aponta para a necessidade de olhar para o elemento de crítica social presente na obra *O Último Homem*, na relação entre homens e mulheres, ocidente e oriente, república e monarquia, para que compreendamos que a peste não é fruto de uma mente pessimista, doentia ou niilista⁵⁴.

Lokke concorda com a ideia de que a obra *O Último Homem* é uma “anatomia” política pautada em resquícios da Revolução Francesa. A autora também diagnostica que o livro contempla um grande número de perspectivas políticas, tais como as monarquistas, as republicanas, as democratas, as imperialistas, teocratas, idealistas e as de cunho visionário e utópico. Em concordância com Sterrenburg, Lokke acredita que as teorias políticas humanas sucumbem diante do fim da humanidade. Porém, ela não aceita que a conclusão da literatura na obra *O Último Homem* seja simplesmente cética, transcendendo o elemento ou metáfora da peste para pensar como Mary Shelley olha para o papel de sua arte como agente de mudança social.

Kari E. Lokke focaliza em sua análise tanto o lado social quanto o de impulsos naturais da humanidade na obra *O Último Homem*. Ela demonstrou que Mary Shelley construiu críticas negativas ao processo revolucionário, à violência da guerra, ao discurso libertador civilizatório do mundo ocidental, mas também apontou para dois elementos do inconsciente humano que levam a tragédia, que seriam: a busca insaciável por poder e as pulsões de morte. Kari E. Lokke localiza um pessimismo de Mary Shelley, mas inverte o olhar cético de L. Sterrenburg. Para ela, Mary Shelley considerava que os desejos humanos eram determinados culturalmente pelas injustiças sociais, ou seja, a humanidade tinha a capacidade de se transformar e sanar as injustiças sociais entre: “man and woman, wealthy and poor, West and East, self and other”⁵⁵. Segundo Kari E. Lokke, a literatura acreditava que o meio de mudança social não eram as guerras revolucionárias, mas a arte e a filosofia, as verdadeiras responsáveis por transformar um mundo

⁵³ No artigo *The Last Man* o termo Niilismo é usado como sinônimo de uma contemplação desacreditada e desalenta de mundo, onde a escritora não buscou interpretar e agir sobre seu próprio mundo.

⁵⁴ LOKKE, *op cit*, p. 126.

⁵⁵ “homem e mulher, ricos e pobres, oeste e leste, eu e outros”. Ver: *Ibidem* p. 133.

com “urgent necessity of collective psychic transformation”⁵⁶. Com isso, a peste do livro *O Último Homem* não significaria um fim literal das esperanças da humanidade, mas uma denúncia dos problemas mundanos, buscando assim ser um elemento de compreensão e transformação da realidade social.

A abordagem de Kari E. Lokke sobre *O Último Homem* é construída em vários âmbitos: ela trabalha tanto com elementos de crítica social – problemas socialmente e culturalmente construídos – quanto com uma filosofia da natureza humana. Kari E. Lokke mobilizou problemas de gênero, de sistema político, de classe, mas na prática ela ainda se aproxima de L. Sterrenburg em considerar a peste como um argumento político filosófico – a epidemia é um elemento que representa o fracasso das teorias políticas do período. A pesquisadora admiti ser tentador o olhar niilista para a obra *O Último Homem* pautado na angústia gerada pela peste. Porém, também revela o diferencial de considerar o apocalipse como elemento ficcional, sendo assim, a peste não significaria um completo niilismo de Mary Shelley. A parte final desse Capítulo IV estabelece um diálogo com as análises de Betty T. Bennet, ela olha para *O Último Homem* descentralizando o elemento apocalíptico da peste, demonstrando o radicalismo e revolucionarismo romântico de Mary Shelley.

4.4 *O Último Homem*, revolucionarismo e radicalidade romântica

O último artigo a ser analisado aqui intitula-se *Radical Imaginings: Mary Shelley’s The Last Man*, escrito por Betty T. Bennett⁵⁷. A análise de Bennett possui a mais destoante dentre os estudos até agora apresentados. Com o objetivo de rebater interpretações do livro *O Último Homem* que desembocam em conclusões céticas e a-históricas⁵⁸, Bennett propõe um estudo que dê mais centralidade para a trajetória de Mary Shelley. Nessa análise, Bennet destaca a

⁵⁶ “Necessitava urgentemente de uma transformação psíquica coletiva”. Ver: *Ibidem* p. 133.

⁵⁷ Betty T. Bennet foi professora de literatura e reitora do College of Arts and Sciences (1985–1997) da American University, especialista e mundialmente conhecida no estudo de Mary Shelley e o romantismo. De 1980 até 1988 organizou uma coletânea completa de todas as cartas pessoais de Mary Shelley, única pesquisadora a realizar tal trabalho. Antes de seu falecimento em 2006, trabalhava arduamente em uma biografia de Mary Shelley que seria lançada pela Harvard University Press. Ver: UNIVERSITY OF COLORADO. ROMANTIC CIRCLES, 2019. Ementa (Apresentação de Betty T. Bennett). Disponível em: < <https://romantic-circles.org/person/bennett-betty-t> >. Acesso em: 08 de outubro de 2019.

⁵⁸ Betty T. Bennett demonstrou a preocupação rigorosa de inserção de Mary Shelley em seu próprio contexto histórico, o que o leva a estruturação da coletânea de artigos *Mary Shelley: In Her Times (Mary Shelley: Em seu tempo)* – pedida pela Keats-Shelley Association of America-, o nome da obra explicita qual será a abordagem, requisitando análises que não ignorem o mundo político e social que a literata viveu. O prefácio da obra é um bom panorama do que ela aborda, ver: BENNETT, Betty T.. Preface and Acknowledgments. In: *Mary Shelley in her times*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000.

relação entre a vida e o contexto histórico da literata, demonstrando como a obra *O Último Homem* foi construída em um ambiente de radicalismo romântico e apontando para um revolucionarismo nas relações de gênero, na política e na religião.

O objetivo de *Radical Imaginings: Mary Shelley's The Last Man* é pautado em um rompimento com estudos que tentaram anteriormente compreender o significado da peste no romance. Para Bennett, as análises que se pautam somente no olhar para um metafórico fim de mundo, tendem a desconsiderar os elementos políticos radicais no livro *O Último Homem*. Para sustentar essa afirmação, a pesquisadora apresenta um levantamento de concepções acadêmicas que minimizaram Mary Shelley politicamente, dentre elas: a ideia de que a literata rejeitou suas relações pessoais, assim rompendo com o Romantismo Shelleyano⁵⁹ e com o seu marido Percy Shelley; existem também perspectivas que compreendem a obra *O Último Homem* apenas como um construto de um ambiente familiar, renegando a amplitude política da obra; outros apontam o livro como acúmulo de mágoa e tristeza diante das mortes de Percy Shelley (1822) e de Lord Byron (1824); há ainda os que apontam o livro apenas como representação dos problemas das mulheres do período, sem compreender que a obra é politicamente mais ampla; por fim, análises que, ao olharem para o apocalipse, consideraram que Mary Shelley não tinha nenhuma intencionalidade política⁶⁰. Betty T. Bennet concluiu que apenas análises simplistas poderiam desconsiderar a relação da literata com sua realidade histórica:

represent Mary Shelley as rejecting Shelleyan Romanticism or to narrow her politics exclusively to women's issues⁶¹, to despoliticize Mary Shelley, to tame her into a proponent of a nuclear family, to dismiss her as mere biographer, are all inconsistent with Mary Shelley before and after she wrote *The Last Man*.⁶²

O objetivo central de Betty T. Bennett está em demonstrar o caminho politicamente ativo de Mary Shelley, assim como havia feito em outros de seus trabalhos, como o livro *Mary Shelley: In Her Times*. Para a pesquisadora, a literata foi uma mulher educada na cultura de seu

⁵⁹ No original Betty T. Bennett utiliza "Shelleyan Romanticism", optei pela tradução para "Romantismo Shelleyano". Aqui a escritora se refere a um romantismo derivado de Percy Shelley, marido de Mary Shelley.

⁶⁰ No caso perspectivas até o ano de 1995, momento Betty T. Bennet escreveu *Radical Imaginings: Mary Shelley's The Last Man*. A pesquisadora cita como exemplo dessas leituras no livro *The Other Mary Shelley* edição de Audrey A. Fisch, Anne K. Mellor e Esther H. Schor; além das análises de Hugh J. Luke. BENNETT, Betty T. *Radical Imaginings: Mary Shelley's "The Last Man"*, *op cit*, p. 147.

⁶¹ Betty T. Betty não nega a preocupação de Mary Shelley para os problemas das mulheres de seu tempo, ela critica a ideia de que a literata apenas pensa politicamente em termos de problemas das mulheres, para a pesquisadora Mary Shelley olha para a política em um campo amplo.

⁶² "representar Mary Shelley rejeitando o romantismo shelleyano ou restringir sua política exclusivamente às questões das mulheres, despoliticizar Mary Shelley, para colocá-la em um proponente de uma família nuclear, descartá-la como mera biógrafa, são todas inconsistências com Mary Shelley antes e depois que ela escreveu *O Último Homem*". Ver: BENNETT, Betty T. *Radical Imaginings: Mary Shelley's "The Last Man"*, *op cit*, p. 147.

tempo e no contexto histórico da “literature and history of western civilization, she shaped a literary voice singularly alert to the significant political, economic, and social changes that inaugurated the world as we know it today”⁶³. Para Betty T. Bennett, o livro *O Último Homem* é uma obra essencialmente política, romântica e radical. Bennet recusa qualquer interpretação que não contemple o lado romântico da obra, que desconsidere a teoria e filosofia que permeia a narrativa.

Segundo Bennett, quando o livro *O Último Homem* é analisado centralmente pela presença da “peste”, corre-se o risco de se eclipsar as problemáticas políticas e sociais. Para a pesquisadora, o método de análise deve acompanhar todo o movimento da narrativa, percebendo suas manifestações políticas, sociais, religiosas e também sobre as normas sexuais. Bennet aponta para a necessidade de observar para além da crítica ao imperialismo e à violência das guerras revolucionárias, compreendendo, por outro lado, como os personagens se transformam no decorrer da narrativa. Camponeses se tornam intelectuais, e mulheres que se distanciam de padrões moralmente aceitos pela. Mary Shelley, segundo Bennet, rompeu barreiras conservadoras religiosas e dinásticas⁶⁴. Shelley, segundo ela, teria desafiado o que conscientemente se esperava do mundo masculino e feminino, ao construir personagens que apresentavam características tradicionalmente esperadas no gênero oposto⁶⁵. Por exemplo, o narrador Lionel Verney em inúmeros momentos discursa sobre a inferioridade das mulheres, classificando-as como sentimentais e emotivas em oposição a racionalidade do homem⁶⁶. Contraditoriamente, Lionel Verney se torna o personagem mais emotivo da obra *O Último Homem*, demonstrando essa “fragilidade” feminina que tanto criticou. Segundo Betty T. Bennett, as personagens femininas também são opostas ao que esperavam os costumes conservadores ingleses. Exemplo disso seria a Condessa de Windsor, uma tirana, atenta às movimentações políticas e extremamente articuladora. Ou ainda a princesa Evadne, que se torna uma guerreira revolucionária ativa da Revolução Grega⁶⁷. A conclusão de Bennet é que Mary Shelley

⁶³ “literatura e história da civilização ocidental, ela formou uma voz literária singularmente alerta para as mudanças políticas, econômicas e sociais significativas que inauguraram o mundo como o conhecemos hoje”. Ver: BENNETT, Betty T.. Preface and Acknowledgments. In: Mary Shelley in her times, *op cit*, p. IX.

⁶⁴ BENNETT, Betty T. Radical Imaginings: Mary Shelley's "The Last Man", *op cit*, p. 148.

⁶⁵ O pesquisador Stuart Curran também aponta para esse não conservadorismo em questões de gênero na obra *Valperga*, ele cita críticos contemporâneos a obra que afirmaram que o herói masculino da obra parecia uma versão feminina. Ver: CURRAN, Stuart. *Valperga. Op Cit*.

⁶⁶ A professora Lucia Rodriguez de La Rocque também enfatiza que Mary Shelley constrói uma crítica a ideia de que a racionalidade é uma personificação masculina, uma crítica estabelecida por Mary Shelley desde *Frankenstein*. Sobre essa abordagem, ver: LA ROCQUE, Lucia de and TEIXEIRA, Luiz Antonio. Frankenstein, de Mary Shelley, e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura. *Hist. cienc. saude-Manguinhos [online]*. 2001, vol.8, n.1, pp.11-34.

⁶⁷ BENNETT, Betty T. Radical Imaginings: Mary Shelley's "The Last Man", *op cit*, p. 148.

“presents a radical world that does not reject men or women per se, but rather offers a restrictive rendering of their personal and societal roles”⁶⁸, ou seja, uma radicalidade revolucionária, ofensiva e ousada, elaborada em um século de grande repressão às mulheres intelectuais e politicamente ativas.

Para Betty T. Bennett, Mary Shelley ousou atacar “all conventional statifications, civic as well as individual”⁶⁹, o que conseqüentemente gerou repúdio do conservadorismo e tradicionalismo inglês. Para além das relações de gênero, Betty T. Bennett aponta que na obra *O Último Homem* temos um rompimento com a ortodoxia religiosa judaico-cristã ocidental. A pesquisadora demonstra que a literata se referiu ao elemento divino em formatos variantes na narrativa: como um Deus singular, como um inominável poder espiritual e como Deuses no plural. Além desses termos, o livro *O Último Homem* possui líderes religiosos ocidentais enlouquecidos, seitas fanáticas, além da inserção do mundo religioso na corruptibilidade humana, ou seja, a religião perde seu caráter de representatividade divina. Porém, mesmo com essa radicalidade no âmbito religioso, Betty T. Bennett conclui que, através das cartas da literata, que ela não era ateísta, mas “had constructed her own belief in a larger spiritual force in the universe”⁷⁰. Algo que, de certo modo, não deixava de ser tão radical quanto o ateísmo.

Localizando essa radicalidade religiosa e de gênero, Betty T. Bennett argumenta que o republicanismo é outro elemento central na sustentação do revolucionarismo de Mary Shelley. O fato da literata ter imaginado e concretizado na obra *O Último Homem* uma Inglaterra republicana –mesmo que imperfeita – causou grande impacto no mundo conservador inglês: “the idea of a republican government replacing the monarchy was disrupted enough”⁷¹. Kari E. Lokke pensou a república apenas como mais um dos fracassos políticos que a epidemia de *O Último Homem* destrói, mas Betty T. Bennett a analisa em uma conjectura concreta, tentando compreender como a literata pensou respostas às falhas do sistema republicano⁷². Para Bennett, Mary Shelley articula críticas à estrutura parlamentarista da República ao considerar que os representantes da população se deixaram dominar pelo poder de seus cargos⁷³. Nesse sentido, o bom funcionamento da República na Inglaterra dependeria de um preparo intelectual da

⁶⁸ “apresenta um mundo radical que não rejeita homens ou mulheres em si, mas oferece uma representação restritiva de seus papéis pessoais e sociais”. Ver: *Ibidem* p. 148.

⁶⁹ “todas as classificações convencionais, tanto civis quanto individuais”. Ver: *Ibidem*, p. 149.

⁷⁰ “construiu sua própria crença em uma força espiritual maior no universo”. Ver: *Ibidem*, p. 149.

⁷¹ “a ideia de um governo republicano substituindo a monarquia era suficientemente perturbadora”. Ver: *Ibidem* p. 149.

⁷² Kari E. Lokke analisa a República de *O Último Homem* apenas no campo filosófico, Betty T. Bennett aponta para necessidade de compreensão concreta do significado dessa República.

⁷³ BENNETT, Betty T. Radical Imaginings: Mary Shelley's "The Last Man", *op cit*, p. 149.

população. Mary Shelley, nessa interpretação, seria defensora de uma educação universal para homens e mulheres, único meio de engajamento político capaz de construir o bem-estar e a paz global⁷⁴.

Pautando-se pelo argumento da radicalidade da obra *O Último Homem*, Betty T. Bennett aponta ainda para a importância de conhecer as críticas feitas pelos contemporâneos ao livro. É preciso que o pesquisador conheça as críticas conservadoras para não cometer os mesmos atos. Exemplo disso seria a análise do crítico literário da *Monthly Review*:

[...] offspring of a diseased imagination, and of a most polluted taste. We must observe, however, the powers of composition displayed in this production, are by no means of an ordinary character. They are indeed uncontrolled by any of the rule of good writing; but they certainly bear the impress of genius, though perverted and spoiled by morbid affectation... The descriptions of the operations of the pestilence are particularly objectionable for their minuteness. It is not a picture which she give us, but a lecture in anatomy, in which every part of the human frame is laid bare to the eye, in its most putrid state of corruption.⁷⁵

Essa foi apenas uma das críticas da obra *O Último Homem* que concluem ser a obra de uma literata de mente adoecida e triste. A *Monthly Review* não se atentou para o aspecto político da obra e suas críticas sociais. Pelo contrário, ressaltou o quanto a narrativa de *O Último Homem* era algo terrível para ser escrito por uma mulher, que conseqüentemente foi chamada de descontrolada sentimentalmente. Bennett aponta que, para além dos horrores estéticos, a perspectiva política e religiosa da obra *O Último Homem* causou grande repulsa conservadora na obra na época⁷⁶.

Assim, Bennett rompe drasticamente com a visão cética de L. Sterrenburg⁷⁷, que argumentara sobre o afastamento de Mary Shelley em relação ao revolucionarismo de seus pais,

⁷⁴ Tal ideia educacional universal, segundo Betty T. Bennett, está fortemente vinculada aos “Shelleys, Godwin e Wollstonecraft”. Ver: *Ibidem* p. 149.

⁷⁵ “fruto de uma imaginação doentia, e de um gosto muito poluído. Devemos observar, no entanto, os poderes de composição exibidos nessa produção, não são de forma alguma de um caráter comum. Eles são de fato descontrolados por qualquer regra da boa escrita; mas certamente eles têm a impressão de gênio, embora pervertidos e estragados pela afetação mórbida ... As descrições das operações da pestilência são particularmente censuráveis por sua minúcia. Não é uma figura que ela nos dá, mas uma palestra sobre anatomia, na qual todas as partes do corpo humano são expostas a olho nu, em seu estado mais pútrido de corrupção”. Ver: *Ibidem* p. 149.

⁷⁶ Betty T. Bennett ressalta que *O Último Homem* foi escrito em um mundo pós queda de Napoleão Bonaparte, que com a Santa Aliança restaurava tronos de monarcas, possuindo uma nova classe média que almejava conquistar novos poderes, e por fim, uma Inglaterra se mostrava cada vez mais assustada com as revoltas dos trabalhadores. A radicalidade da narrativa e perspectiva política de *O Último Homem* foi extremamente desafiador. Ver: *Ibidem* p. 149.

⁷⁷ Não somente de L. Sterrenburg possui esse olhar cético. Uma das primeiras análises da obra *O Último Homem* chamada *The Last Man: Mary Shelley's Myth of the Solitary* do pesquisador Hugh J. Luke Jr, analisa o livro pautando completamente em uma análise biografia de uma mulher solitária. Ver: JR., Hugh J. Luke. *The Last Man: Mary Shelley's Myth of the Solitary*. In: *Prairie Schooner*. Vol. 39, No. 4 (WINTER 1965 / 66), pp. 316-327.

marido e companheiros intelectuais. A pesquisadora, ao analisar a obra *O Último Homem*, se atenta também para o percurso de vida da literata, para o contexto histórico de produção do romance e também para as cartas pessoais da literata. Tal esforço, de ver a obra em conjunto, visa construir uma interpretação que se contraponha às conclusões que levam a construção de uma imagem de Mary Shelley cética⁷⁸. Bennett esclarece que as cartas pessoais são documentos importantes para compreender politicamente a literata. Mary Shelley escreveu três cartas em 1830 que revelam uma exaltação do processo revolucionário: “advocating that England must reform or revolutionize”⁷⁹. Em suas missivas, Shelley defendia que, em meio a insatisfação política, a revolução poderia se tornar a única opção.

No ano de 1833, Mary Shelley escreveu outra carta esclarecedora sobre sua concepção de guerra, revolução, liberdade, monarquia e república. Segundo Bennett, na missiva a literata comentou abertamente sua opinião política sobre a possibilidade de guerra civil nos Estados Unidos. Mary Shelley questionava: “What is the use of republican principles & liberty, if Peace is not the offspring”⁸⁰. Continuando com a afirmação de que a guerra era parceira tanto da monarquia quanto dos revolucionários libertários, concluía que “the gain is not much to Mankind between a Sovereign & a President”⁸¹. O que se conclui é que uma guerra realizada apenas na dualidade de monarquia contra república, ou até mesmo em guerras que os revolucionários discursam em prol da liberdade, de nada adiantam se o resultado posterior não for a paz e estabilidade. Para Betty T. Bennett, Mary Shelley ressaltou em suas obras e cartas suas concepções igualitárias. Logo, fosse em um governo monárquico ou republicano, o objetivo central de quem detém o poder “should be the well-being of its populace”⁸².

Betty T. Bennett ressalta a importância do pesquisador não se perder no mundo fabular do livro, ou em análises autocentradas na vida pessoal da literata⁸³. A pesquisadora aponta para a importância da criação de estudos de Mary Shelley, destacando seu desenvolvimento e crescimento literário. William Godwin, seu pai, não era adepto aos moldes educacionais tradicionais⁸⁴, mas educava sempre com o intuito de libertação da imaginação infantil⁸⁵. Suas

⁷⁸ Betty T. Bennett organizou durante oito anos a coletânea completa de todas as cartas de Mary Shelley.

⁷⁹ “defendendo que a Inglaterra deveria se reformar ou revolucionar”. Ver: BENNETT, Betty T. *Radical Imaginings: Mary Shelley's "The Last Man"*, *op cit*, p. 150.

⁸⁰ “Qual é a utilidade dos princípios republicanos e liberdade, se a paz não é a descendência”. Ver: *Ibidem* p. 150.

⁸¹ “o ganho não é muito para a humanidade entre um Soberano e um Presidente”. Ver: *Ibidem* p. 150.

⁸² “deve ser o bem-estar de sua população”. Ver: *Ibidem* p. 150.

⁸³ *Ibidem* p. 150.

⁸⁴ Livros voltados para uma educação que focalizava na “absoluta obediência aos pais, igreja e rei”. Ver: BENNETT, Betty T. *Radical Imaginings: Mary Shelley's "The Last Man"*, *op cit*, p. 150.

⁸⁵ Betty T. Bennet não comenta sobre a herança educacional de Mary Wollstonecraft, mas é importante constatar que a mãe de Mary Shelley era grande defensora do ensino feminino, até mesmo com planos de construção de

filhas foram criadas lendo versões das fábulas da Antiguidade Clássica de Esopo⁸⁶: “as well as his histories of Rome, Greece, and England; and his introduction to Bible stories”⁸⁷, o que ajuda os pesquisadores na compreensão do alto conhecimento sobre filosofia e fábulas que a escritora possuía e demonstrou desde sua obra *Frankenstein* (1818).

Sobre as análises que acreditam que Mary Shelley escreveu *O Último Homem* como uma autobiografia de seu luto, Bennett ressalta que o fato de a literata ter escrito a obra juntamente com as mortes de Percy Shelley (1822) e Lord Byron (1824) não significou uma simples representação de angústia pessoal. Segundo Bennett, a literata comentara o luto no jornal *MWS Journal* (1834): “What should I have done if my imagination had not been my companion?”⁸⁸. Com a morte de Percy Shelley a literata não se escondeu do mundo, pelo contrário, foi um período de grande produção artística. Nesse período ela organizou uma coletânea completa dos poemas do marido, escreveu seus próprios livros e até substituiu Percy Shelley no jornal *The Liberal*⁸⁹. A subsistência de Mary Shelley e de seu filho Percy Florence dependia da venda de suas obras, de sua imaginação e ideias. Afinal, a literata nunca escreveu apenas para expressar suas angústias sobre o mundo, mas trabalhou profissionalmente como escritora e dependia da venda de seus livros para sua sobrevivência, enfrentando um mundo que abria pouco espaço para mulheres intelectuais.

A conclusão de *Radical Imaginings: Mary Shelley's The Last Man* é que por mais que Mary Shelley tenha estabelecido críticas às guerras revolucionárias, se olharmos para a totalidade da obra da autora encontraremos concepções revolucionárias e radicais sobre diversos assuntos. Com isso, Betty T. Bennett rompe tanto com as análises de L. Sterrenburg quanto de Kari E. Lokke, invertendo o olhar centralizado no tema da peste no romance para as problemáticas concretas desenvolvidas no livro *O Último Homem*. Assim sendo, a obra não significaria um ceticismo de fim de mundo literal, mas uma ficção e uma fábula construída por uma literata extremamente criativa e estudiosa. A obra não é fruto simplesmente de uma mulher melancólica. Para a pesquisadora, o título *O Último Homem* significaria entre aspas a “última romântica” que “like Verney was setting out in search of other survivors”, a literata estaria à

uma escola só para mulheres. Mary Shelley desde a infância também foi educada com as obras de sua mãe. Ver: QUEIROZ, *op cit*.

⁸⁶ Esopo é um escritor de fabulas da antiguidade grega.

⁸⁷ “bem como suas histórias de Roma, Grécia e Inglaterra; e sua introdução às histórias da Bíblia”. Ver: BENNETT, Betty T. *Radical Imaginings: Mary Shelley's "The Last Man"*, *op cit*, p. 150

⁸⁸ *Ibidem* p. 151.

⁸⁹ *Ibidem* p. 151.

procura de outros sobreviventes que compartilhassem suas crenças e de seus companheiros, negando assim, qualquer fim niilista de mundo ou de rompimento com os românticos.

Considerações Finais

Essa monografia teve como intuito realizar uma discussão sobre romantismo inglês, revolucionarismo e radicalidade política na obra *O Último Homem* de Mary Shelley. Todos os capítulos desenvolvidos estabeleceram uma relação com o contexto histórico, a vida e o entorno político da literata. As considerações finais são uma articulação entre os quatro capítulos, apontando para questões ainda não resolvidas. Enfatizo que o fato do livro *O Último Homem* ser uma narrativa apocalíptica, aparentemente cética, pode ter influenciado estudiosos a afastar Mary Shelley da segunda geração do romantismo inglês, considerada tradicionalmente como uma geração que escreveu sobre sociedade burguesa do século XIX, as revoluções liberais nacionais como a grega, e por fim, a igualdade entre homens e mulheres.

O historiador Peter Gay, em sua obra *Represálias Selvagens*, ao trabalhar com romances realistas do final do século XIX, argumentou: “Não faz sentido exigir exageradamente do realismo no movimento realista. Certamente, como os romancistas realistas e seus leitores sabiam perfeitamente bem, o realismo não é a realidade”¹. Se romances realistas tendem a ser analisados como reflexo do real, também podemos pensar o inverso, literaturas distópica e apocalíptica tendem a ser olhadas no campo do irracional e irreal. Nessa monografia, o livro *O Último Homem* foi analisado como um constructo de uma determinada experiência histórica.

Concluo que um historiador, desejoso de trabalhar com o livro *O Último Homem*, não deve investigar apenas os aspectos de morte, destruição, epidemia e fragilidade humana contidos nele. Deve-se analisar a obra em sua totalidade, estando atento aos temas da república, imperialismo, revolução, embates entre ocidente e oriente, conflitos religiosos e de gênero. Tentei demonstrar nesse trabalho que as experiências vividas por Mary Shelley foram essenciais na análise do trabalho literário, fundamentando que a literata pertenceu a segunda geração do romantismo inglês, e como tal, estava inserida nas tensões e embates políticos específicos desse grupo, tais como as revoluções do século XIX.

A análise desenvolvida nesta monografia concorda com Betty T. Bennett sobre a radicalidade romântica do livro *O Último Homem*². Durante a produção dessa monografia identifiquei uma problemática relacionada às ideias radicais de Mary Shelley, especialmente

¹ GAY, *Op Cit*, p. 14.

² BENNETT, Betty T. *Radical Imaginings: Mary Shelley's "The Last Man"*, *op cit*, pp. 151-152.

com pesquisadores que negam o revolucionarismo em *O Último Homem*³. No capítulo III, demonstrei que Mary Shelley estabeleceu no livro uma relação controversa com as revoluções, questionando negativamente as consequências da guerra, mas em nenhum momento condenando o desejo grego de se libertar da opressão do Império Otomano. Os estudos de Bennett nos auxiliaram na compreensão da radicalidade da obra *O Último Homem*, apontando para além da guerra revolucionária em si. A autora apontou em suas análises para o fato de que Shelley foi revolucionária ao pensar uma Inglaterra republicana, rompendo também com expectativas conservadoras de seus contemporâneos no âmbito das questões de gênero e de religião.

Assim como Hobsbawm, alguns pesquisadores consideram Lord Byron como o representante da segunda geração do romantismo inglês. No livro *Era das Revoluções*, o poeta aparece como a representação do revolucionarismo romântico. Byron foi o escritor inglês que saiu de seu país e se tornou soldado na Revolução Grega. Hobsbawm aponta para um padrão revolucionário de Byron, que inspirou toda a geração literária posterior a 1820, um período de:

ousados jovens armados ou vestidos com uniformes hussardos, saindo de óperas, *soirées*⁴ e compromissos com duquesas ou de reuniões ritualistas maçônicas para dar um golpe militar ou se colocar à frente de uma nação revoltosa⁵.

Em minha monografia questiono se essa imagem do revolucionário romântico de Byron influenciou na consolidação de um modelo ideal da segunda geração do romantismo inglês. Para Hobsbawm, eram membros dessa geração Percy Bysshe Shelley, George Gordon Byron e John Keats. O historiador os definiu como os “primeiros a combinar o romantismo e o revolucionarismo ativo”⁶. Essa monografia concorda com a noção de Bennett sobre o revolucionarismo, recusando, por outro lado, que segunda geração de românticos ingleses era composta apenas por um único modelo revolucionário. Portanto, a geração era composta por literatos que compartilhavam um campo de experiências, discussões e ideias radicais, assim como Mary Shelley compartilhou impressões e opiniões com Percy Shelley, George Byron e John Keats.

A Revolução Grega definitivamente marcou a segunda geração do romantismo inglês. O prefácio do *The Liberal*, analisado no capítulo II, apresenta o interesse dos integrantes do

³ O artigo *The Last Man: Anatomy of Failed Revolutions* de Lee Sterrenburg é uma das perspectivas que negam o revolucionarismo na obra *O Último Homem*, afastando da segunda geração do romantismo inglês.

⁴ *Soirées* significa noite em francês.

⁵ BENNETT, Betty T. Radical Imaginings: Mary Shelley's "The Last Man", *op cit.*, p. 371.

⁶ Hobsbawm, *op cit.*, p. 371.

jornal nas novas lutas liberais e nacionais no continente Europeu. Contudo, isso não significou um apoio incondicional desses literatos à revolução⁷. Ou seja, estabelecer críticas às revoluções não foi exclusividade da obra *O Último Homem*. Como afirma Patrizia Piozzi, Percy Shelley também demonstrou insatisfação com os massacres, com a expansão imperialista e com outros resquícios da Revolução Francesa. Para a pesquisadora, o poeta manifestou “seu espanto diante dos atos arbitrários e violentos ocorridos na Grande Revolução, projetando a imagem da sociedade igualitária ao fim de uma longa e pacífica sucessão de reformas institucionais”⁸. Pode-se afirmar, então, que os românticos ingleses mantiveram uma relação ambígua com as revoluções.

Concluindo, aponto para questões que não são respondidas nessa monografia. O livro *O Último Homem* foi publicado no ano de 1826, dois anos após a morte de Byron, e quatro anos depois da publicação do prefácio do *The Liberal*. Quais informações chegavam à imprensa inglesa em 1826 sobre a Revolução Grega? O que mudou em relação as informações que chegavam no ano do prefácio do *The Liberal* que, por fim, empolgaram Lord Byron, levando-o a lutar na Grécia em 1824? Tais questões são importantes, considerando que em um processo revolucionário o cenário se altera rapidamente. Ou seja, o contexto histórico vivido por Mary Shelley na produção do livro *O Último Homem* pode não ter sido o mesmo que empolgou Byron anos antes.

No livro *O Último Homem* Mary Shelley pode ter estabelecido uma crítica aos interesses ingleses na Revolução Grega⁹. Lord Raymond é o maior representante dos anseios imperialistas ocidentais na ficção, um inglês que almeja sua própria glória: “Quando jovem, rezava para estar entre aqueles que produzem as esplêndidas páginas da história da terra; que exaltam a raça humana e fazem deste pequeno globo a morada dos poderosos”¹⁰. Pode-se conjecturar que Raymond representasse o envolvimento inglês naquele contexto. No romance, os gregos abandonaram seu comandante quando o conflito se tornou uma busca pela conquista de Constantinopla e não mais representava a libertação de um povo. Este é um questionamento ainda em aberto sobre a obra. Uma investigação sobre tais perguntas ainda se faz necessária. Constatamos, por fim, que o tema de revolução na obra *O Último Homem* de Mary Shelley ainda está longe de ser concluído.

⁷ Como demonstrado no Capítulo I, o *The Liberal* foi um jornal que em seu prefácio apontava para seu interesse e defesa das novas lutas libertárias que se espalhavam pelo globo – a Revolução Grega era uma dessas lutas.

⁸ PIOZZI, *op cit*, p. 42.

⁹ A Inglaterra se envolve na Revolução Grega durante a década de 1820, para evitar que a Rússia assumisse com exclusividade o contato com a vitória grega. Ver em: LOWY, Michael e SAYRE, Robert, *Op. Cit*.

¹⁰ SHELLEY, Mary Wollstonecraft. *O último homem*, *op cit*, p. 211.

Referências

- ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BENNETT, Betty T. Radical Imaginings: Mary Shelley's "The Last Man". *The Wordsworth Circle*, Vol. 26, No. 3 (SUMMER, 1995).
- BENNETT, Betty T.. Preface and Acknowledgments. In: *Mary Shelley in her times*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000.
- Cf. *The Liberal: Verse and prose from the South*, 1822.
- CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso Miranda. Apresentação. In: *A História Contada Capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.
- CLEMIT, Pamela. Frankenstein, Matilda, and the legacies of Godwin and Wollstonecraft. In: *The Cambridge Companion to Mary Shelley*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- CURRAN, Stuart. Valperga. In: *The Cambridge Companion to Mary Shelley*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- DE LA ROCQUE, L.R e TEIXEIRA, Luiz Antonio. Frankenstein, de Mary Shelley, e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 2001, vol.8, n.1.
- GAY, Peter. Prólogo Além do princípio da realidade. In: *Represálias selvagens: Realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GINZBURG, Carlo. Introdução. In: *O Fio e os Rastros: Verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rasa Freire d' Aguilar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GORDON, Charlotte. "Introduction"; "Chapter 1: A death and a birth (1797-1801)". In: *Romantic Outlaws: The Extraordinary Lives of Mary Wollstonecraft e Mary Shelley*. New York: Random House, 2015.
- HOBBSBAWN, Eric J. A Era das Revoluções: Europa 1789-1848; tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- JR., Hugh J. Luke. The Last Man: Mary Shelley's Myth of the Solitary. In: *Prairie Schooner*. Vol. 39, No. 4 (WINTER 1965 / 66).

- KELLY, Gary. Politicizing the Personal: Mary Wollstonecraft, Mary Shelley, and the Coterie Novel. In: *Mary Shelley in her times*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000. p. 148.
- LEVINE, George Lewis e KNOEPFLMACHER, U. C.. *The Endurance of Frankenstein: Essays on Mary Shelley's Novel*. Berkeley: University of California Press, 1979.
- LOKKE, Kari E.. *The Last Man*. In: *The Cambridge Companion to Mary Shelley*. Cambridge: Cambridge University Press 2003.
- LOWY, Michael e SAYRE, Robert. *Romantismo e Política*. Tradução: Eloísa de Araújo Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- MAVROGORDATOS, George. Orthodoxy and nationalism in the Greek case. In: *West European Politics*, 2003.
- MELLOR, Anne k.. Making a “monster”: an introduction to Frankenstein. In: *The Cambridge Companion to Mary Shelley*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Prefácio*. In: WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*. Motta, Ivania Pocinho. São Paulo: Boitempo, 2016.
- Pereira, L. A. de M. (2010). Resenha de Edward Palmer Thompson. Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária. *Cadernos AEL*, 11(20/21). Recuperado de <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2546>
- PIOZZI, Patrizia. Entre utopia libertária e realismo político: Godwin e Shelley diante da revolução. *Trans/Form/Ação* [online]. 1996, vol.19.
- QUEIROZ, Clara. Uma Mulher Singular. Mary Shelley (1797-1851). Lisboa: *Revista ex æquo*, nº 30, 2014.
- RAJAN, Tilottama. *Between Romance and History: Possibility and Contingency in Godwin, Leibniz, and Mary Shelley's Valperga* In: *Mary Shelley in her times*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000.
- RÉMOND, René. *O século XIX: 1815-1914*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- ROSSI, Paolo. *Francis Bacon: da magia à ciência*. Tradução Aurora Forfoni Bernardini. Londrina: Edeal, Curitiba: Editora da UFPR, 2006.
- ROSSI, Paolo. *Naufrágios sem espectador: A ideia de progresso*. Tradução: Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- SCHOR, Esther. *The Cambridge Companion to Mary Shelley*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SMITH, Andrew. *The Cambridge Companion to Frankenstein*. Cambridge. Cambridge University Press, 2016.

STERRENBURG, Lee. *The Last Man: Anatomy of Failed Revolutions*. In: *Nineteenth-Century Fiction*, Vol. 33, No. 3 (Dec., 1978).

TALMON, J. L. *Nacionalismo*. In: *Romantismo e Revolta, Europa 1815-1848*. Tradução: Tomé Santos Júnior. Lisboa, 1957.

THOMPSON, E. P. *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VARGO, Lisa. *Writing for The Liberal*. In: *Mary Shelley: Her Circle and Her Contemporaries*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2010. p. 132.

Fonte

SHELLEY, Mary Wollstonecraft. *O último homem*. Tradução de Marcella Furtado. São Paulo: Editora Landmark, 2007.